

CAPÍTULO 4

MÚSICA, *FOFOCA* E NOTÍCIAS: SOM, ESPAÇO E ORIENTAÇÃO

LEITURA SONORA: ESPECTROGRÁFICOS, ANOTAÇÃO, LINGUAGEM

Como nós pensamos sobre o som? As imagens apresentadas na Imagem 6 são espectrográficos de gravações em MP3 feitas em meu iPhone durante o trabalho de campo. Eu as importei para o GarageBand em meu laptop e fiz capturas de tela dos espectrográficos autogerados feitos para ajudar trabalhadores a mixar, modificar e acentuar sons. Os espectrográficos já foram incomuns, mas atualmente eles são antiquados, e muitas pessoas conseguem “ouvir” espectrográficos da mesma maneira como músicos treinados na notação musical ocidental conseguem olhar para as notas em uma partitura e “ouvi-las”.¹⁰⁷

Neste capítulo, enfatizo o som em uma sociedade – não apenas música, que já foi ricamente explorada nos termos do nacionalismo angolano por Marisa Moorman,¹⁰⁸ mas também a linguagem e o barulho ambiente, bem como a forma como tudo isso junta-se em uma experiência sensorial que molda não apenas o que nós sabemos, mas como sabemos e o que fazemos, como resultado. Minha expectativa é que os leitores absorvam este capítulo enquanto acessam o YouTube ou o Spotify, ou qualquer outro serviço de transmissão de músicas, ouvindo algumas das ricas e variadas músicas de Angola. A lista é longa: meus preferidos incluem Paulo Flores, Erika Nelumba, Celma Ribas, Yannick Afroman, MC Kappa, Mathias de Máσιο, Nelo Paím e Neide Vanduném.

107 Ingold (2007b).

108 Moorman (2004, 2019).

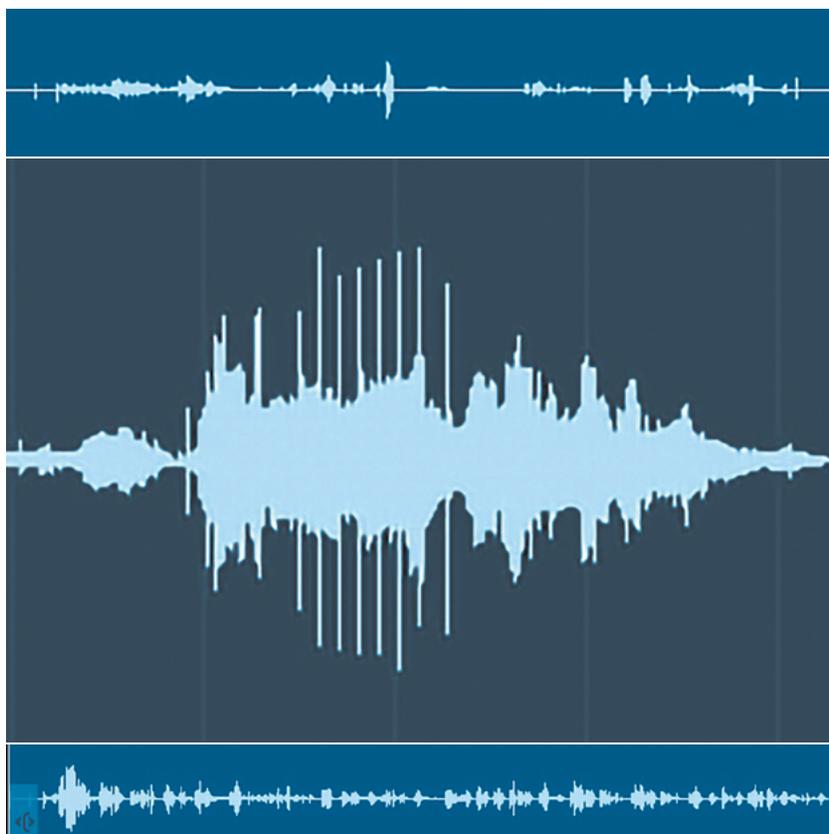


Imagem 6 *Acima*: barulho ambiente gravado na casa de Victoria, 10 de maio de 2018, Lobito. *Meio*: detalhe do barulho ambiente, 10 de maio de 2018, Lobito. *Abaixo*: crianças cantando o hino nacional angolano, 22 de maio de 2018, Lobito.

A Zumba, que se tornou popular ao redor do mundo, vem do termo *kizomba*, um tipo de dança originária de Angola. Capoeira, a arte marcial brasileira, também tem sua origem em Angola, e muitos dos instrumentos usados na capoeira hoje em dia são comumente tocados lá. Aqueles que têm fascinação particular pela música deveriam pesquisar o compositor/artista/fabricante de instrumentos musicais angolano Victor Gama, que se especializou no desenvolvimento de novos instrumentos musicais e já se apresentou junto a alguns dos músicos mais conhecidos do mundo, levando ao repertório deles os sons de seu país natal.

Neste capítulo, utilizo a emergência do setor de educação superior angolano como um local a partir do qual é possível pensar através do som e das formas que os sons nos moldam. Primeiro, entretanto, é útil garantir que um certo vocabulário compartilhado seja apresentado. Para este fim, compartilho dez palavras-chave próprias dos sons nas ciências sociais. Como lista, está longe de ser exaustiva do tema, e foi incluída aqui majoritariamente para que as seções seguintes possam

fazer mais sentido. Ideias complexas, por vezes, também requerem uma expansão do vocabulário, pois as palavras são as ferramentas que temos para “escutar” sons, e, quando esses sons ainda não nos são conhecidos, precisamos encontrar formas de construí-los em nossa imaginação.

SOM

O som é uma onda de pressão que chega aos nossos ouvidos e que nós interpretamos. Físicos, linguistas, psicólogos, músicos e tantos outros já estudaram, escreveram e experimentaram o som, e existe toda uma vertente da antropologia que emergiu ao redor do assunto.¹⁰⁹ É tão básico, tão uniforme, tão subjetivo de forma a ser quase silenciado em nossas vidas cotidianas, e frequentemente nós experienciamos o som mais como uma vibração. Neste capítulo, será útil modular (ao invés de reorientar) com o som em mente de maneira a prestar atenção plena aos sons, sejam eles ambientes ou quaisquer outros (por exemplo, o som do trânsito em Lóbato, que foi tecido junto aos tons suaves de vendedores de rua chamando clientes em umbundu ou português, de crianças rindo, de batidas de kuduro e kizomba e de motores nem sempre perfeitamente afinados).

PAISAGEM SONORA

“Paisagem sonora” (*soundscape*) foi um termo cunhado nos anos 1970 pelo musicologista/compositor R. Murray Schafer¹¹⁰ em um livro chamado *The tuning of the world*. Ligeiramente semelhante às outras paisagens, a paisagem sonora supostamente captura a “totalidade dos sons percebidos por um indivíduo em um dado ambiente e configuração espacial”,¹¹¹ e o termo se tornou popular na arte contemporânea, em que paisagens sonoras são, atualmente, frequentemente instaladas em museus. Nem todo mundo gosta desse termo: Tim Ingold¹¹² sente, de maneira bastante incisiva, que “paisagens sonoras”, como “paisagens artísticas”, removem quem escuta da *experiência* do som, e devem, portanto, ser abandonadas. Independentemente de se gostar ou não da palavra, um exemplo está capturado na Imagem 6, em que o som ambiente circundando a varanda de Victoria foi gravado.

109 Cox (2018).

110 Schafer (1977).

111 Eisenlohr (2018, p. 12).

112 Ingold (2007a).

CEGUEIRA SONORA

“Cegueira sonora” é outro termo famoso cunhado em 1889 por Franz Boas.¹¹³ Boas costumava usá-lo para descrever sua observação de que muitas pessoas situadas em um novo ambiente auricular não conseguiam “ouvir” o que outros percebiam como distinções básicas em sons, levando a uma grande confusão em termos de significados, pronúncia e intenção assumida. É provável que qualquer um que tenha aprendido uma nova língua tenha tido um vislumbre de como, a princípio, tudo parece barulho, mas lentamente, com a prática, é possível começar a “ver” por meio do som, compreendendo e identificando as diferentes unidades do discurso disponíveis. Eu, por exemplo, tive uma amiga próxima em Angola que era de Portugal, mas levou-me seis meses para aprender a entender seu português. O sotaque das pessoas da sua região de Portugal era tão diferente da forma como eu havia aprendido a língua que, por meses, eu simplesmente não conseguia distinguir as palavras contidas na corrente de som. Eu ficava muito constrangida que nós tivéssemos que falar em inglês, mas ela era gentil e paciente comigo. Linguagem é quase sempre aprendida em contexto e o vocabulário comum e a estrutura gramatical por vezes não são suficientes para que a comunicação ocorra.

MÚSICA E BARULHO

Qual é a distinção entre música e barulho, e seria a música de uma pessoa o barulho de outra? (Durante minha fase *heavy metal* no ensino médio, minha mãe certamente pensava que sim.) Como identificamos e nos movemos ao som dos ritmos? O que nós consideramos harmonioso? Como nós esperamos que a música progrida, se desenvolva e se conclua? Isso também é cultural e socialmente determinado. Alguns estudiosos sugerem que a música tem relação com o poder e em como o poder está organizado na sociedade e, assim, música tem tudo a ver com a canalização da ordem, da desordem e da violência.¹¹⁴ Outros dizem que o gosto musical (da mesma forma como o gosto em qualquer outra coisa) é um produto da socialização e do posicionamento de classe.¹¹⁵ Uns poucos argumentam que o reconhecimento e a apreciação musical é frequentemente aprendida ainda muito jovem, e, posteriormente, é, geralmente, uma questão de exposição auditiva. Barulho, de acordo com R. Murray Schafer, é aquilo que bloqueia a comunicação.¹¹⁶

113 Boas (1889).

114 Attali (1977), Cox (2018).

115 Bourdieu (1984).

116 Schafer (1977). Cf. Serres (2008).

Certa vez, fui a Copenhagen desenvolver alguns trabalhos políticos para o Corpo de Juventude Pan-Africana ao qual era filiada na época. Lembro-me de convencer um colega camaronês a esgueirar-se para o fundo da sala sinfônica dinamarquesa para ouvir a uma orquestra clássica, algo que ele nunca havia escutado até então. Ele conseguiu permanecer por sete minutos antes de sair tapando os ouvidos – ele me disse que era a pior coisa que ele já ouvira, e olhou para o preço dos ingressos com estupefação (fiquei aliviada que nós não tivemos que pagar!). Para o meu colega, as harmonias e as formas produzidas pelos instrumentos encordoados não se misturavam, não seguiam um fluxo do qual ele pudesse tirar sentido: os violinos eram agudos demais, os instrumentos de sopro soavam para ele como água, e o que era mais impressionante para mim foi sua reação aos próprios músicos. Eu não anotei o que ele disse, mas era algo como “como podem ser músicos se eles se sentam de forma tão rígida com os instrumentos, se eles nem podem se mexer com o som?”. Para ele, música também era movimento, quase uma dança.

VOZ

“Não é apenas o fato de que vozes soam diferente”, escreve-nos Matt Rahaim, “vozes são diferentes” (e-mail para o autor, 31 de outubro de 2018). Rahaim nos ajuda a pensar sobre como as palavras “voz” ou “a voz” podem significar muitas coisas diferentes a depender do contexto – desde as vozes das crianças sendo fisicamente mapeadas, por exemplo, em um dos espectrográficos da Imagem 6, à “voz das pessoas” que “falaram” nas eleições de 2017 e substituíram um presidente por outro em Angola. Vozes – as humanas – têm sotaques, e tais sotaques frequentemente dão pistas sobre suas origens (como no caso de minha amiga portuguesa mencionada acima), classe social, educação ou exposição global, mas animais também têm sotaque: um gato *purrs* em inglês, mas ronrona em português. O fato de que eu falava português com sotaque brasileiro, mas era, na verdade, sul-africana, confundia muitos dos meus interlocutores em Angola, e também me libertava de algumas associações negativas relacionadas a sul-africanos brancos. O fato de que eu falasse kreol nas Ilhas Maurício com um sotaque tingido por África do Sul, Angola e os Estados Unidos fazia exatamente o mesmo, e, desde que retornei para a Cidade do Cabo depois de uma década distante, impressiona-me a frequência com que me perguntam “de que país você é?” após os cumprimentos iniciais. Também há uma literatura extensiva sobre esse tópico, alguns deles indicados na seção Sugestões de leitura.

OUVIR

Escrevendo esta seção do livro nas Ilhas Maurício, bem longe da biblioteca universitária de mais de 15 milhões de itens que eu costumava frequentar para ler, queria obter uma cópia do livro chamado *On Listening*.¹¹⁷ Dragada por um buraco negro da internet, descobri-me pesquisando “como escutar” no Google e fiquei atônita em ver mais de *um bilhão e trinta milhões* de páginas somente em inglês. Aparentemente, ouvir é algo com o que as pessoas têm problemas. Uma rápida olhada, entretanto, por algumas poucas páginas do início dos resultados exibidos sugere que “as pessoas” a quem a internet estava falando são geralmente (mas não exclusivamente) WEIRD. “WEIRD” é uma sigla em inglês para “Ocidental, Estudado, Industrializado, Rico e Democrático” (*western, educated, industrialized, rich e democratic*). Essas são também majoritariamente (mas, uma vez mais, não exclusivamente, e existem muitas iniciativas excelentes que pautam mudanças) as pessoas que escrevem os algoritmos nos quais a internet se baseia.¹¹⁸

Dos muitos resultados sobre o assunto, o primeiro a aparecer foi uma página do WikiHow chamada “Como ouvir”, que se iniciava com a passagem abaixo:

Adotar uma abordagem ativa e engajada em relação à escuta irá melhorar seus relacionamentos e enriquecer sua experiência do mundo. Se você quer aprender como escutar com atenção total e responder de forma que mantenha as pessoas falando, continue lendo.¹¹⁹

Como é frequente os casos de comunicação com os WEIRD, o “você” aqui é presumido enquanto um tipo único de leitor: um leitor WEIRD, à semelhança do escritor WEIRD do referido post. Esse escritor do WikiHow não reconhecia, nem poderia reconhecer, que essa forma de comunicação é conscrita e amplamente influenciada pelo sucesso acachapante de um único livro e da indústria que emergiu ao seu redor: o *Como fazer amigos e influenciar pessoas*, de Dale Carnegie,¹²⁰ originalmente publicado em 1936. Susan Cain,¹²¹ entre outros, demonstrou como esse livro consolidou uma forma extrovertida e hiperativa de comunicação WEIRD que pode ser extremamente desafiadora aos introvertidos e àqueles fora do contexto WEIRD, não importando quem sejam essas pessoas que vivem fora dele. No

117 Lane e Carlyle (2015).

118 Rudder (2014).

119 WikiHow (2019).

120 Carnegie (2004).

121 Cain (2013).

contexto do *capitalismo selvagem*, as pessoas em Angola escutavam profundamente, não apenas as palavras, mas tudo o que era revelado no não dito, em que ambos eram moldados pelo momento político e social (lá e em outros lugares). Isso revelava pistas sobre educação, influência e, como é explorado na seção abaixo, sobre ideologia.

TRADUÇÃO

Se, como muitas pessoas, você fala mais de uma língua, você já deve saber que a tradução não é uma ciência exata. Muitas palavras são difíceis de serem traduzidas pois elas capturam experiências ou referências culturais mais amplas. Diversos filmes, livros, peças e mesmo as artes plásticas exploram os desafios da tradução que, é claro, também são os desafios de escrever esse livro em inglês. É importante lembrar que quase tudo descrito neste texto foi de fato dito, ouvido e experienciado em português, ou talvez em umbundu, chockwe ou espanhol – mas que eu experimentei uma cegueira sonora com frequência, e talvez não tenha nem escutado alguns detalhes que poderiam ser altamente relevantes. Todos nós possivelmente experimentamos cegueira sonora em diferentes momentos não apenas com a linguagem, mas em relação a gênero, idade e contextos mais abrangentes, e este é um dos desafios da tradução. Como nós traduzimos aquilo que não conseguimos ouvir?

Iracema Dulle¹²² escreveu de maneira poderosa sobre a forma como a linguagem e a tradução (ou os erros de tradução) serviram aos interesses de vários grupos de poder em Angola. Eu mesma já escrevi sobre as dificuldades de traduzir *capitalismo selvagem* como um termo em si mesmo, mas, aqui, deixe-me dar o exemplo do *fixe*. A primeira vez que o escrevi em minhas notas, eu o transcrevi como *fish*, e só aprendi a escrevê-lo devidamente depois que Victoria quase caiu da cadeira onde estava sentada enquanto ria de mim. *Fixe* era o equivalente angolano para a palavra brasileira *legal*, que vem do termo inglês “legal” quando este significa legítimo. *Fixe* também significa legal, excelente, ok e mais termos adjuntos. “Como você está?” *Fixe*. “Como foi o fim de semana?” *Fixe*. “O que você acha da tradução?” *Fixe*.

LINGUAGEM CORPORAL/GESTOS

Quando as pessoas interagem, é realmente muito raro que elas permaneçam paradas, e a linguagem corporal frequentemente fornece pistas críticas para como

122 Dulle (2015a, 2015b).

uma frase deve ser interpretada. Estudiosos por vezes referem-se a este processo como “gesticular”.¹²³ A linguagem corporal pode ser difícil de captar no texto escrito e os gestos são às vezes deixados de fora das notas e dos textos em geral, então no texto que se segue incluí deliberadamente os gestos feitos por meus interlocutores que ajudaram-me a interpretar o que eles estavam dizendo. Como o texto que segue demonstra, alguns gestos estão fortemente mergulhados em história. Em nossa entrevista, quando Dr. Nascimento defendia apaixonadamente um ponto de vista, ele batia com o punho na mesa, aludindo sutilmente ao martelo de um juiz; quando Dr. Tchimboto ensinava de cima de um púlpito, ele estava “canalizando” um discurso de pregação. Se é possível pensar em múltiplas dimensões quando se lê, a experiência será em grande medida enriquecida.

SILÊNCIO

Em meio a todas essas palavras, é crucial que não percamos o silêncio de vista.¹²⁴ Silêncios fornecem as pausas nas quais juntamos nossos pensamentos, estão amplamente presentes naquilo que está se desdobrando, e, talvez, reconhecem as limitações do nosso conhecimento. Sem o silêncio, não pode haver som, e, como o som, o silêncio é infinitamente variável. Como o som, os silêncios precisam também ser ouvidos.

ECOS DA GUERRA FRIA: EDUCAÇÃO SUPERIOR, IDEOLOGIA E DEVERES CONTESTADOS

UNIVERSIDADES VINDAS DA POEIRA

Em uma tarde quente, sentei-me com Dr. Tchimboto, à época diretor do Instituto Superior Jean Piaget de Benguela (daqui em diante, Jean Piaget), nos arredores da cidade de Benguela. Estávamos ao ar livre, no jardim do campus, onde o som da água jorrando de um sistema de irrigação dava uma base rítmica à nossa conversa. A água aterrissava em lâminas de grama da grossura de dedos, e um par de pequenos pássaros brancos procuravam comida embaixo de uma palmeira tropical, chilreando ocasionalmente. Nos prédios ao nosso redor, havia preparações em andamento para as celebrações de aniversário de dez anos da instituição:

123 Rahaim (2012).

124 Ross (2001).

escrivaninhas e cadeiras raspadas nos pisos de concreto, instruções sendo dadas a plenos pulmões e repetidas em vozes mais brandas. Dr. Tchimboto estava quieto e orgulhoso da jornada que a universidade havia percorrido até o momento, e bastante consciente de como seria difícil continuar a prosperar naquele clima social e político desafiador. “Nós estamos começando na tradição das universidades aqui em Angola”, ele disse pensativo, “e tudo que virá depois depende do que faremos agora” (Entrevista nº 36).

Aqui, exploro esses inícios. Considero o setor universitário emergente como um espaço no qual tanto a mobilidade social quanto a transição do socialismo para o capitalismo têm particular relevância, e onde as práticas de paz têm uma tração poderosa. Aproveito-me da noção de “estruturas do sentimento”, de Raymond Williams,¹²⁵ para chamar atenção à forma como as visões individuais de mundo de membros da faculdade são compartilhadas através da linguagem e comunicadas para a nova geração. Essas biografias foram moldadas pelas contestações ideológicas em cena durante a Guerra Fria, manifestas nos slogans, canções e formas de expressão que apoiavam tanto a doutrina capitalista como a socialista. Essas doutrinas (definidas na Introdução e entendidas aqui como as ideias coletivas às quais um grupo se afilia) eram aparentes em instituições de educação superior. Neste capítulo, foco em duas delas, a universidade estadual em Benguela, Universidade Katyavala Bwila (daqui em diante, UKB), e Jean Piaget, uma universidade católica privada que é parte de uma cadeia de universidades baseadas em Portugal, mas que se estende por todo o mundo lusófono. Note que essa análise reflete como as coisas eram em 2013 e 2014 – em 2018, algumas mudanças haviam ocorrido, sobre as quais reflito ao fim deste capítulo.

Na UKB, os professores eram majoritariamente formados em Cuba e em países da antiga União Soviética, ou eram eles mesmos professores cubanos em contratos de curto prazo. O socialismo era a ideologia que moldara a maior parte de suas vidas, e à qual era esperado que aderissem. Na Jean Piaget, em contraste, o ensino era feito majoritariamente por pessoas que estudaram no Brasil, em Portugal, na África do Sul e na Europa, onde o capitalismo era consideravelmente mais arraigado. Muitos deles também eram estrangeiros, mas não havia cubanos na equipe de ensino, e o diretor da instituição era enfático em dizer que não os contrataria em razão das “diferenças na forma de pensar” (Entrevista nº 36).

Ao longo da etnografia que se segue, irei ilustrar como e porque essas diferenças vêm a ter significância. Por ora, permitam-me simplesmente dizer que quando Jonas Savimbi – líder do UNITA, partido de oposição de longa data – foi morto em 22 de fevereiro de 2002, encerrando a longa guerra civil, intelectuais formados

125 Williams (1977).

sob o socialismo não foram para a cama e acordaram no dia seguinte defendendo Donald Trump e o capitalismo. Ao invés disso, como em outros setores da sociedade angolana, professores universitários viram-se repentinamente digladiando-se com as novas regras em jogo no *capitalismo selvagem* enquanto permaneciam guiados pela formação que haviam recebido. Redes de contato, necessidades e o “tráfico de influência” (ver capítulo anterior) determinavam quem era contratado onde e para fazer o que e, é claro, os indivíduos eram atraídos por lugares onde sentiam-se familiarizados com os costumes sociais e intelectuais – tanto os implícitos quanto os explícitos.

O argumento proposto aqui é que a Guerra Fria continua a moldar as paisagens intelectuais angolanas em grande medida pelo que é dito (ou não), e para quem isso é feito. Ele investiga como o pensamento veio a ser estruturado durante a era da Guerra Fria, e como ele opera durante a paz. Eu exploro a utilidade de educação universitária no contexto do *capitalismo selvagem* antes de trabalhar a noção das *jornadas científicas*, ou as conferências. Em um nível, *jornadas científicas* é apenas uma das traduções literais disponíveis a partir do português e descreve as reuniões de acadêmicos no setor de educação superior nascente. Em sua forma mais poética, *jornadas científicas* é um termo útil para compreender a tentativa do país de criar o que o então ministro do ensino superior Dr. Adão Nascimento (que ele descansa em paz) chamou de “identidade científica” para o país em paz (Entrevista nº 55).

Quando me sentei com o Dr. Tchimboto nos jardins do Jean Piaget, ele apontou para o prédio recém-pintado que ficava à nossa direita, e para as plantas e pássaros. “Nós precisamos construir as universidades do nada, vinda da poeira”, ele disse (Entrevista nº 36). O que o Dr. Tchimboto descreveu aqui era a construção da infraestrutura necessária para que o ensino ocorra; a construção de instituições um tijolo por vez. Igualmente significativa é o desenvolvimento de estruturas de conhecimento que está se desenrolando na educação superior angolana hoje, na qual as universidades são apenas uma parte do ambiente auditivo que inclui instituições religiosas, a mídia, cultura popular, o Estado, contação de histórias e, claro, *fofocas* simples e cotidianas.

O SETOR DE EDUCAÇÃO SUPERIOR ANGOLANO

O carro-chefe entre as universidades de Angola, a Universidade Agostinho Neto, foi fundada em Luanda no ano de 1962. Originalmente chamava-se Universidade Geral de Angola, e sua história e funcionalidade foram bem documentadas na abrangente pesquisa da socióloga angolana Maria C. B. Mendes sobre a

instituição.¹²⁶ Até relativamente recentemente, Agostinho Neto era a única universidade do país e mantinha pequenos campi satélites nas capitais provinciais, inclusive em Benguela. O campus em Benguela oferecia formação em pedagogia e psicologia até 2009, quando a política governamental mudou e determinou que a Agostinho Neto fosse dividida em diversas instituições independentes. Durante a escrita deste livro, existiam doze universidades surgidas dessa forma espalhadas por dezoito províncias de Angola, e o plano era de uma expansão nacional até que todas as regiões fossem contempladas.¹²⁷

Essas universidades recém-instituídas são conhecidas como universidades públicas, e estudar nelas é gratuito, diferentemente das universidades privadas, que custam por volta de centenas de dólares por mês. Nas públicas, o ingresso é garantido por meio de um exame de admissão aberto para todos aqueles que optem por prestá-lo, mas o processo é extremamente concorrido. Não obtive números concretos sobre os exames de admissão, mas evidências anedóticas da UKB sugerem que a matrícula em alguns cursos parece ser muito mais concorrida do que a admissão em universidades de primeira linha dos EUA, como Harvard ou Stanford (supostamente as mais difíceis para ser admitido no mundo todo).¹²⁸ Na UKB, por vezes centenas de estudantes competiam por apenas vinte vagas em uma aula de determinada matéria, e o processo complexificava-se ainda mais pela aceitação de propinas em algumas faculdades, embora não em outras, ou pela “reserva” de espaço para parentes de indivíduos poderosos (embora as admissões por legado dificilmente sejam um desafio exclusivo de Angola).¹²⁹

Diferentemente das universidades privadas (descritas a seguir), a maioria dos estudantes das públicas tinham vinte e poucos anos. A maior parte ainda vivia na casa dos pais, além de trabalhar para financiar os gastos decorrentes do estudo. Embora não houvesse mensalidades, o Estado não fornecia (e ainda não fornece) uma bolsa mensal que possibilitasse estudar sem trabalhar. Christiano era um jovem de dezenove anos extremamente talentoso que calhou de eu conhecer muito bem. Ele cresceu em circunstâncias precárias, e foi atraído para uma estação missionária cristã estadunidense em virtude das aulas de música oferecidas pela igreja. Rapidamente, dominou todos os instrumentos disponíveis, e seu sonho era poder

126 Mendes (2013).

127 INEE (2006).

128 É reconhecidamente difícil entrar em Stanford e, em 2018, a universidade aceitou menos que 5% das candidaturas para a graduação para pouco mais de duas mil vagas. Evidência anedótica sugere que o cenário na UKB era aproximadamente equivalente, mas eu não consegui checar a informação. Não tomei conhecimento de nenhum estudo que tenha sido feito sobre o número de alunos de países menos ricos, particularmente os da África Sub-saariana, que se candidatam para instituições de graduação e que são recusados por falta de capacidade.

129 Friedman (2019).

estudar música no Brasil. Entretanto, ele prestou o exame de admissão na UKB “por acaso”, e foi selecionado para estudar ciência da computação em 2014.

Quando deixei meu emprego na escola onde lecionava música para viajar para o Brasil a fim de aprofundar minha pesquisa, Christiano assumiu meu lugar (fazendo um trabalho muito melhor que o que eu havia feito). Ele trabalhava em tempo integral na escola, fazendo malabarismos constantes para conseguir encaixar sua grade horária da universidade junto com as exigências do horário da escola, e andando freneticamente de transporte público pela distância de trinta quilômetros que separava as instituições. Ele gostaria de poder ou estudar em tempo integral, ou trabalhar em tempo integral, mas, sem o trabalho, não conseguiria manter-se ou realizar a contribuição esperada para a renda de sua família. Ele também era bastante consciente de que, no contexto do *capitalismo selvagem*, uma graduação universitária compensaria, ao menos parcialmente, por aquilo que lhe faltava em termos de capital social e econômico, e, à medida que o país tentava se regular, cada vez mais qualificações eram exigidas. Muitas vagas de emprego exigiam graduação universitária, embora frequentemente não especificassem a disciplina. Dessa forma, era comum ouvir as pessoas dizerem que a motivação para seus estudos era “pelo papel, não por interesse”.

Como resultado, ele trabalhou, como a maior parte dos angolanos que conheci, exaustivamente para conseguir simultaneamente estudar e ter uma fonte de renda. Isso, me disseram, era o esperado no *capitalismo selvagem*. Quando retornei, em 2018, Christiano já estava próximo de concluir seus estudos, embora tivesse convencido a UKB a deixá-lo trocar o curso para o de pedagogia. Ele também montou de maneira bem-sucedida uma orquestra na escola, onde antes ninguém sabia como ler notação musical, e eu fiquei estupefata em ver a sala de música recheada de crianças com as quais havia lutado para ensinar a tocar flauta-doce aos seis anos de idade, mas que agora, aos dez, estavam tocando violino!

As limitações de vagas nas universidades públicas criaram o que é efetivamente um mercado de vendas no campo da educação superior. Múltiplas instituições foram rapidamente abertas, e lhes faltavam alunos – ao menos até a crise financeira do país. Um estudante de sociologia da Jean Piaget, que eu imagino que tinha quase oitenta anos, explicou-me dessa forma: “A guerra roubou nossa educação e, agora, nós a queremos de volta” (Registro de Campo 140510). O governo angolano tinha bastante consciência dos desafios que enfrentava (e continua a enfrentar), e trabalhava incessantemente para apoiar a emergência de um setor de educação superior funcional. O *Plano Nacional de Formação de Quadros* endereçava a necessidade de preparar o país para o crescimento demográfico pós-guerra que já vê um grande número de jovens de todos os setores da sociedade que necessitam de acesso à educação. No plano de 2012, o governo estimou que, em 2015, 200.000

jovens estariam inscritos na educação terciária,¹³⁰ embora a crise econômica tenha diminuído consideravelmente esses números.¹³¹

Na época de meu trabalho de campo, existiam seis universidades privadas e uma pública (UKB) atendendo as duas cidades onde eu trabalhava, e os alunos das universidades privadas pagavam entre US\$ 200 e US\$ 350 mensais para estudar, além das taxas extras que eram cobradas por materiais e cerimônias. A admissão nessas instituições geralmente não era, de forma alguma, concorrida; o que importava era a capacidade de pagar todas as taxas. Muitos alunos estudavam por poucos meses, ou talvez um ou dois anos, e então pausavam os estudos para trabalhar antes de prosseguir. A Lusíadas, que cobrava US\$ 350 por mês, era de longe a mais cara das universidades privadas, e tinha alguns alunos que não trabalhavam e eram sustentados por seus pais. Isso costumava ser raro, mas a maioria das famílias que tinham recursos para pagar pela educação universitária, no entanto, escolhiam mandar seus filhos para estudarem fora: no Brasil, na Namíbia, na África do Sul ou – no caso daqueles mais ricos – em Portugal ou nos Estados Unidos. Isso era feito pois havia uma percepção geral de que as instituições estrangeiras ofereciam uma educação superior de melhor qualidade, mais rigorosa e com uma infraestrutura material melhor daquela que havia em Angola. Fornecer análises profundas de cada uma das universidades em Lobito e Benguela está além do escopo deste capítulo, mas meu argumento repousa em uma compreensão mais nuançada tanto da UKB quanto do campus de Benguela da Jean Piaget. Na seção seguinte, delineio um breve perfil de cada instituição.

UNIVERSIDADE KATYAVALA BWILA

À época da minha pesquisa, a UKB sediava-se quase inteiramente em prédios pré-fabricados localizados não muito distantes do aeroporto militar de Benguela. As salas de aula comportavam cerca de quarenta alunos e cada uma era equipada com um projetor, embora não houvesse internet, a não ser no conjunto de computadores no centro de tecnologia da informação e na biblioteca – que também abrigava por volta de quatrocentos livros, os quais só podiam ser lidos no local, sem empréstimos permitidos. A maioria das pessoas que trabalhavam na UKB formaram-se em Cuba ou na antiga União Soviética. Alguns poucos haviam feito suas graduações na Universidade Agostinho Neto, em Luanda, e depois deixaram

130 Em Angola, o treinamento vocacional para profissões como professores e enfermeiros ocorria no último ano do ensino médio, quando os alunos podiam optar por frequentar escolas técnicas especializadas. Educação terciária aqui significa especificamente a universidade.

131 Angola (2012).

o país para fazer suas pós-graduações se fosse necessário para suas disciplinas. Conheci apenas duas pessoas, incluindo Dra. Daniella, que aparece de maneira proeminente em outra parte deste livro, que haviam se formado no Brasil, embora eu escutasse de interlocutores que havia outras.

O corpo docente também abrigava diversos professores de Cuba, e todos viviam juntos em uma casa muito próxima à universidade. Eles se vinculavam à universidade por contratos de duração entre um e quatro anos. Em 2014, a imagem do então presidente Eduardo dos Santos estava exposta na maior parte das salas, e aprendi rapidamente que o tamanho do retrato do presidente nos escritórios dos membros do corpo docente era um guia útil para orientar os tipos de questões que eu poderia colocar de maneira confortável: quanto maior o retrato, mais cuidadosa eu precisaria ser para não demonstrar nenhuma preocupação ou posição crítica em relação ao estado da nação.

A UKB era uma instituição governamental e, como tal, a lealdade ao Estado (que significava, na prática, uma lealdade ao MPLA) era vista por aqueles que trabalhavam nela, e pelos funcionários do governo que supervisionavam a instituição, como crucial. Quando iniciei uma curta sequência de palestras sobre métodos de pesquisa na UKB em maio de 2014, fui repetidamente avisada sobre qualquer crítica, explícita ou implícita, ao Estado ou ao MPLA em minhas falas. Disseram-me que as salas de aula eram “cheias de espões”, e ouvi várias vezes o caso de um professor de história que fora demitido por ensinar uma versão sobre a guerra angolana que era simpática à oposição e ao UNITA.

A liberdade de expressão era entendida como desejável sob a condição de “paz”, mas muitas pessoas ainda estavam no processo de aprendizagem sobre o que aquilo significava na vida do dia a dia e, nesse ínterim, manter um tom aceito e familiar era esperado. Tanto os docentes, quanto os estudantes dependiam do Estado na UKB – os docentes por seus salários e benefícios previdenciários, e os estudantes por sua educação gratuita. A maior parte deles estava disposta a ao menos parecer que andava na linha, e eu nunca ouvi nenhum debate político no campus, nem vi sinais de manifestações e protestos. Notavelmente, quando Abel Chivukuvuku, líder de um partido de oposição relevante, veio à província de Benguela em 2014, ele visitou as universidades privadas, mas explicitamente evitou a UKB, onde deixou-se muito claro que ele não seria bem-vindo (Registro de Campo 140327).

INSTITUTO SUPERIOR JEAN PIAGET DE BENGUELA

Um dos lugares onde Abel Chivukuvuku era certamente bem-vindo era no Jean Piaget, onde o Dr. Tchimboto me disse com um sorriso: “nós tivemos um bom

debate aqui” (Entrevista nº 36. Todas as citações do Dr. Tchimboto são dessa entrevista). O Jean Piaget também era o lugar onde o historiador “dissidente” mencionado acima “procurou refúgio” após ser denunciado, trazendo sua família para a universidade até que eles conseguissem se mudar para uma província diferente por segurança. O campus de Benguela, do Jean Piaget, era o segundo da mesma grande rede institucional a abrir em Angola – o primeiro, muito maior, fora inaugurado em Luanda depois que meu trabalho de campo foi concluído. Estabelecido em 1979, ele também possui campi em Portugal, Moçambique, Cabo Verde, Brasil e Guiné Bissau. O Instituto Piaget baseia-se em um currículo compartilhado por todos os campi, e é largamente humanista por natureza. Seu fundador é um senhor português, que visita periodicamente os campi vinculados à rede.

“Essa universidade é uma universidade dos pobres”, explicou Dr. Tchimboto, dizendo que a maior parte dos estudantes assistem às aulas no período noturno pois têm que trabalhar durante o dia, e que muitos deles esforçaram-se muito para pagar as mensalidades no fim do mês. Entre o corpo docente, a maioria dos professores era angolano, embora muitos tenham se formado fora do país, em Portugal, no Brasil ou em outros lugares. Naquela época, Jean Piaget tinha um grande número de cidadãos portugueses na equipe em virtude da recessão econômica na Europa, e muitos italianos (ou profissionais formados na Itália) graças às ligações teológicas do Piaget com esse país, mas, como mencionado acima, não havia um único cubano empregado pela universidade. “É muito difícil trabalhar com os cubanos”, explicou Dr. Tchimboto, “porque a ideologia do marxismo é praticamente incompatível com a ideologia da igreja”. Ele prosseguiu, explicando que outro “problema” dos cubanos era que eles não “vinham de uma democracia”. Angola precisava de pessoas que já haviam *vivido* em uma democracia para ajudar a introduzi-la no país, e os cubanos simplesmente não podiam fazê-lo. “Eles todos são a favor do governo, é isso”, ele me disse, balançando a cabeça.

Dr. Tchimboto disse que o corpo docente conhecia as turmas nas quais havia infiltrados leais ao partido do MPLA, mas o compromisso da instituição com a religião lhes permitia falar e agir com muito mais liberdade (disfarçado de educação religiosa) do que se sua posição pública fosse secular. Esse espaço de liberdade tinha um grande impacto sobre o Jean Piaget, onde os estudantes eram ativamente encorajados a envolver-se em debates e a formular suas próprias opiniões, e onde o Wi-Fi estava disponível para qualquer um em qualquer lugar do campus. “Ter internet faz muita diferença, é uma diferença subterrânea, mas ela importa”, ele explicou, “mas, em geral, é difícil, pois a maioria dos estudantes estão graduando-se apenas pela qualificação, eles não ligam de verdade para o conteúdo. Nós ainda não temos uma tradição de ensino, então nós ainda precisamos fazer tudo desde o esboço. Lembre-se que antes só havia poeira aqui” – quando ele disse “aqui”, ele

insinuava que a poeira não era apenas aquela do chão, mas também a que se encontrava nas cabeças das pessoas, mas seus olhos sorriam de maneira gentil.

SOBRE A VOZ

Dr. Tchimboto tinha bastante consciência de que, em algum nível, o poder que o Jean Piaget tinha sobre o domínio público originava-se de sua filiação a estruturas religiosas cristãs. Embora Angola fosse nominalmente laica em termos políticos, a igreja exercera enorme influência durante a era colonial,¹³² e continuava a fazê-lo no presente. “O partido [MPLA] quer ser parte de tudo”, ele disse, “mas eu sou um padre, e eu posso dizer não, sabe? A maior parte das pessoas não têm esse poder, só os padres da Igreja Católica, e isso nos permite ter um espaço um pouco diferente”.

Ser capaz de dizer não é, em muitos lugares e contextos, um tremendo privilégio, e, de fato, poder escolher é indiscutivelmente um dos grandes ativos daqueles que estão nas classes médias e altas (frequentemente homens mais velhos) ao redor do mundo. Ter sua voz ouvida – seja discordando, concordando, negociando ou mesmo brincando – é ter acesso a determinados tipos de poder. Com frequência, julgamentos sobre qual tipo de pessoa está falando baseiam-se no som, no sotaque, no vocabulário e na escolha de palavras.¹³³ Não apenas o Dr. Tchimboto tem um púlpito de verdade, além de um atril (lembrem-se que as universidades surgiram a partir das práticas monásticas de ensinar por meio de pregações), mas também ele falava de uma maneira que demonstrava um alto nível de erudição. Em português, isso significa conjugar os verbos corretamente, saber usar a linguagem formal em detrimento da linguagem coloquial, o português ou o umbundu (ou o italiano), dependendo do que o conectaria mais rapidamente a quem ele se dirigia. Os linguistas chamam isso de “mudança de código”, e é uma ferramenta importante de comunicação, que é recebida como autêntica pelos ouvintes.

Pude experimentar isso uma vez de maneira profunda com minha amiga mais próxima de Angola, Victoria. Ela e eu vivíamos, trabalhávamos, fazíamos compras, estudávamos e viajavamos juntas o tempo todo e, ao fim do meu trabalho de campo, eu pensava que a conhecia muito bem. Seu pai, de quem ela era bastante próxima, fora um funcionário público de baixo escalão que comprou o apartamento onde ela vivera nos anos 1990, depois do período de nacionalização e posterior liberalização das propriedades de imóveis.¹³⁴ Ele a sustentou durante o período escolar e

132 Péclard (1998).

133 Fischer (2016), Ondjaki (2014).

134 Gastrow (2015).

de seus dois primeiros anos na universidade, permitindo que ela estagiasse em uma ONG local durante seu tempo livre, onde ela adquirira tanto habilidades quanto capital social, e onde nós nos conhecemos. A morte de seu pai em 2012 causou nela um impacto significativo e relegou a ela uma grande responsabilidade financeira – não apenas para si mesma, em termos de sustentação e taxas universitárias, mas também em termos de contribuições para o cuidado de seus oito irmãos mais jovens. Sua mãe era professora e Victoria tinha uma relação complicada com ela.

Em um dia em particular, Victoria e eu sentamos juntas em sua cama, preparando-nos para uma viagem. O telefone tocou, ela atendeu e eu me vi olhando para ela em choque – era como ouvir uma pessoa completamente diferente. A consultora com diversas experiências de viagens internacionais que estava colocando sapatos de salto alto e perfume na mala se fora; em seu lugar, o tom de voz sugeria uma mulher feroz no mercado barganhando um acordo decente, recusando-se a recuar. Sua entonação, sotaque e vocabulário mudaram completamente enquanto ela variava entre o umbundu e o português, indo de um a outro e voltando, de forma que me era impossível acompanhar. A discussão foi concluída e ela desligou o telefone, murmurando amargamente sobre as expectativas em jogo e os limites da autoridade materna. Sua voz retornou ao que eu conhecia, e ela delicadamente escolheu uma blusa, a dobrou e colocou em sua mala (Registro de Campo 141211).

ESCUTAR, FALAR E PENSAR POR MEIO DA GUERRA FRIA

Anne Pitcher e Kelly Astew¹³⁵ escreveram sobre o período pós-socialista na África. Elas observam que apesar da prevalência do socialismo no continente africano entre os anos 1950 e 1990, relativamente poucos trabalhos foram escritos sobre os processos de sua queda. Pitcher e Askew notam:

Ao invés de “pós-socialismo”, a linguagem do “neoliberalismo”, “transição democrática” e “sociedade civil” domina a discussão sobre as recentes transformações na África. Ela espera um futuro presumivelmente róseo e de sucesso, ao invés de olhar em retrospectiva para um passado de fracasso socialista. E isso prevalece, pois seus muitos advogados – especialistas em desenvolvimento, representantes de multinacionais, consultores estrangeiros, ONGs e a elite africana atual – ditam seus termos. Eles assumem e afirmam que o colapso do socialismo deixou um “Estado em branco” sobre o qual a história da “democracia de livre-mercado” pode ser escrita. Fazendo isso, eles

135 Pitcher e Askew (2006).

desvalorizam e ignoram a interpretação e o entrelaçamento da antiga e da nova ordem na formulação das políticas nacionais, bem como as respostas locais aos enormes desafios que se sucedem.¹³⁶

Angola e sua história são um caso incomum por muitas razões, não sendo menos importante o fato de que, durante a primeira fase da guerra civil (1975-91), mais de 430.000 cubanos, cuja língua materna é o espanhol, serviram tanto no exército quanto em áreas como saúde, educação e setores de serviço civil.¹³⁷ Tal serviço foi parte de um compromisso ideológico com a propagação do socialismo mundo afora feito pelos líderes cubanos, que formaram centenas de milhares de jovens por toda a África e em outras partes do mundo em desenvolvimento. Os soldados mantinham-se relativamente distantes da maioria da população, mas professores, enfermeiros e funcionários públicos de vários tipos tiveram um impacto bastante profundo – particularmente sobre aqueles que eram crianças durante a guerra.¹³⁸ Tanto Benguela quanto Lobito abrigaram professores cubanos durante a guerra, e ambas cidades também mandaram muitos jovens para a ilha cubana Isla de la Juventud, uma pequena ilha na costa de Cuba onde algo como sessenta escolas foram criadas, acolhendo aproximadamente dezoito mil estudantes da Ásia, África e das Américas. Os estudantes ganhavam a viagem e educação em troca de trabalho sazonal nas *plantations* da ilha,¹³⁹ e muitos permaneceram em Cuba depois de completar os estudos universitários. O impacto que essa formação teve talvez seja melhor compreendido por meio de um estudo de caso. Aqui, permitam-me compartilhar partes da biografia de um homem que chamo de Dr. Marcos, que serviu na liderança sênior da UKB. Eu o entrevistei no campus da universidade, e seu escritório modesto era dominado por um enorme pôster do presidente de Angola em uma moldura de madeira (Entrevista nº 14).

Quando Dr. Marcos tinha doze anos de idade, ele e seus colegas de classe de uma escola na província de Moxico – a mais oriental e mais pobre do país – fizeram um teste nacional. Os estudantes com melhor desempenho nesse teste seriam enviados ou para Cuba, ou para países da antiga União Soviética. Em 1985, ele embarcou para a Isla de la Juventud, onde ele deveria permanecer até deixar o país quase treze anos depois. Isso foi em 1999, e a guerra civil ainda estava em curso, então ele foi para Portugal, e então para a Espanha, onde ele concluiu seu

136 Id. *ibid.*, p. 3.

137 George (2005).

138 Hatzky (2012).

139 George (2005, p. 159).

mestrado, para então retornar a Angola apenas em 2006. Enquanto eu escrevia este livro, ele estava planejando retornar a Cuba para fazer o doutorado.

Dr. Marcos sentia que devia tudo o que tinha aos governos angolano e cubano, que financiaram sua educação e facilitaram a trajetória de sua carreira. Ele dizia que o tempo “na ilha” foi difícil, claro, ele sentia falta de sua família. Quando ele saiu de Angola, tinha oito irmãos e quando retornou tinha vinte e dois! Estar longe por tanto tempo era desafiador, “mas eu tinha que completar minha missão, não havia dúvidas sobre isso. Todos tinham que fazer sua parte para o desenvolvimento de Angola, e essa era a minha. Então, estava tudo bem sofrer um pouco”. Naquele tempo, o pai do Dr. Marcos morreu – mas ele só soube da morte quatro anos após o ocorrido. Ele recebeu apenas três cartas de casa durante os treze anos em que esteve longe, e os laços de consanguinidade com a família foram gradualmente suplantados pelas relações que Kath Weston¹⁴⁰ chama de “parentes fictícios” – pessoas com quem formam-se relações que duram por toda a vida e que, de certa maneira, podem substituir a família.

Em troca, daqueles educados em Cuba esperava-se que aceitassem sem questionar as posições de trabalho oferecidas pelo Estado angolano – independentemente da localização geográfica do emprego. Uma mulher que conheci amava engenharia, mas havia sido compelida a estudar veterinária pois, naquele ano, o curso de veterinária era o que a política governamental havia definido que era necessário. Ela, então, foi enviada para a província mais rural do país e, por três anos, ajudou vacas a darem à luz, sonhando com a infraestrutura urbana que ela preferia estar construindo, mas aceitando o papel que a história havia lhe relegado e, muito depois disso, tornando-se professora de ciências e, posteriormente, administradora escolar (Entrevista nº 41).

Proximidade e solidariedade no cumprimento do dever eram temas comuns entre aqueles educados em Cuba e na antiga União Soviética, e a maior parte desses havia feito o que eles entendiam ser grandes sacrifícios a atos de altruísmo a fim de obter as habilidades necessárias para o avanço do país. Eles seguiram instruções sem questionar e falavam constantemente sobre dever e servir. Eles compartilhavam canções, sons e linguagens (espanhol ou russo, bem como as línguas compartilhadas por eles originárias das diversas regiões de Angola), e as palavras e experiências que seguiam com eles criavam laços, redes sociais e experiências comungadas que aconteciam no dia a dia de um país em paz.

No geral, os angolanos formados em Cuba apoiavam mais as políticas repressivas do Estado angolano no que diz respeito ao manejo entre o dissenso e o progresso, aceitando a narrativa de que aqueles no poder tinham o direito e a

140 Weston (1997).

responsabilidade de determinar o futuro dos outros. Aqueles, como o Dr. Tchimboto, cujas experiências de vida haviam sido dirigidas pela imersão em Estados democráticos e capitalistas tendiam a ter uma visão de mundo que era baseada muito mais em uma expectativa de liberdade individual. Essas duas perspectivas existiam em tensão uma com a outra, e também em frequente tensão com o Estado, bem como intergeracional. Essas perspectivas informavam o que era dito, o que era ouvido e os tipos de pessoas que os alunos eram ensinados a ser.

PENSAMENTO CRÍTICO NO *CAPITALISMO SELVAGEM*

“Pensamento crítico” era um termo sussurrado que atravessou todo o meu trabalho de campo – sussurrado, mas raramente discutido. Aqui, faço uma extensa citação de uma entrevista com uma pessoa cujos detalhes mantenho em discrição devido à sensibilidade do conteúdo.

Pensamento crítico é uma questão política. Você precisa usar sua inteligência ao lidar com isso. Por exemplo, se eles [o governo] descobrem que eu estou pensando demais dessa forma [crítica], eu perco meu emprego. Porque, na prática, este é um Estado socialista, a democracia é só uma foto usada para controlar, uma representação. O pensamento crítico não é permitido porque se ele ocorre, haverá uma revolução. Isso é, em parte, o porquê o setor de ensino superior é tão parcamente desenvolvido, e educação é tão profundamente sub-financiada. O país precisa de profissionais qualificados, mas porque o governo não coloca dinheiro na educação? O governo não vai permitir isso. Os professores ganham muito, muito menos que pessoas com cargos equivalentes no exército, por exemplo, ou do setor financeiro, e então as pessoas na academia não ganham bem e não são reconhecidas.

Eles [o governo] preferem pessoas que estudaram na Rússia ou em Cuba porque esses países não ensinam pensamento crítico, é realmente uma história diferente para aqueles que vão para o Brasil ou para os EUA. E têm muitos angolanos que estão estudando no Brasil, mas tirando do próprio bolso para pagar, pois o governo não vai financiá-los. Isso é em parte por conta das manifestações que ocorreram em Luanda em 2003, e foram muitas manifestações majoritariamente organizadas por pessoas que tinham estudado fora do país, elas foram lideradas por pessoas que estiveram no Brasil, e o governo se assustou.

Pessoas que se formaram na Rússia e em Cuba não voltam e protestam, e o governo quer esse tipo de pessoa. Aqueles que estudam em Portugal também não. Por que não? Eu não tenho certeza, o contexto é diferente em Portugal, mas o currículo escolar não trata o pensamento crítico da mesma forma, então eles não questionam muito. Mas no Brasil e nos EUA existe uma formação integral que ensina os estudantes a *serem* pesquisadores, a serem pessoas críticas.

Como professores, no entanto, nós precisamos ser cuidadosos. Para influenciar nossos alunos, nós precisamos usar nossa inteligência pois não sabemos quem entre eles são espíões, e nós podemos ir parar na cadeia. Não na cadeia no sentido literal, porque o Estado não iria se safar disso, mas cadeia em um outro sentido. Eles vão simplesmente fechar todas as portas; todas as oportunidades de ser promovido ou de fazer algo da vida irão desaparecer. Existem uns poucos que estão comprometidos [com a liberdade de expressão e a liberdade de pensamento], que fazem de qualquer forma, mas eles são um número muito, muito pequeno, a maioria só aceita e fica em silêncio.

Esse comentário coloca em relevo as complexidades do pensamento crítico no contexto da educação superior angolana. Muitos no governo sentiam que se as pessoas em Angola comessem a verdadeiramente *pensar*, eles não teriam opção a não ser sublevar-se contra a corrupção e a incompetência do Estado, uma perspectiva ecoada por muitos interlocutores, incluindo até o próprio ministro da educação superior à época (Entrevista nº 55). O pensamento crítico, sob essa visão de mundo, implicava crítica, e crítica, no passado, fora o que levou o país à guerra. Assim, se o sentimento também se tornasse “muito crítico”, a consequência lógica seria a revolução, e isso evocava uma grande quantidade de medo – ainda que fosse consideravelmente menor para a geração mais jovem, que crescentemente se distanciava do conhecimento e das memórias do passado.

A pessoa falando na entrevista acima sabia das muitas pessoas que haviam estudado no Brasil com bolsa de estudos da fundação privada de propriedade do então presidente Eduardo dos Santos, a FESA. Na época em que nos falamos, a fundação havia reduzido drasticamente o número de jovens financiados para estudarem no Brasil, o que, alegava-se, era em grande parte em razão dos “problemas” causados por essas pessoas quando elas retornavam para casa. Na volta, eles eram vistos como detentores de perspectivas e expectativas em relação ao Estado radicalmente diferentes advindas de uma *formação integral* que demandava criticismo dos estudantes. Isso era algo que a maior parte dos meus informantes no Brasil frisava: lá, era esperado que eles tivessem opiniões, enquanto nas estruturas da

educação tradicional angolana a memorização bem-sucedida e em concordância com a perspectiva do professor era o que era valorizado. Não obstante, como o indivíduo anteriormente argumentou, uma grande quantidade de pessoas *desejava* tais perspectivas, e então arranjavam meios de autofinanciar sua educação universitária no Brasil. Eles as desejavam precisamente porque o que essas perspectivas permitiam eram caminhos de ação e de relações alternativos que não requeriam o “tráfico de influência” do *capitalismo selvagem*. Se, esperava-se, pessoas suficientes comesçassem a operar de maneira diferente, o *capitalismo selvagem* poderia abrir caminho para algo mais regulado e previsível, e, assim, mais fácil de manejar.

PROCURANDO POR UMA IDENTIDADE CIENTÍFICA

“Angolanos são formados em qualquer país que os queira”, disse Adão Nascimento, então ministro do ensino superior, em uma entrevista em maio de 2014 (nº 55, todas as citações abaixo do Dr. Nascimento são dessa entrevista).

O governo está aberto a qualquer apoio e qualquer influência que nos ajudará a criar conhecimento angolano, o que o país ainda não possui. Nós não temos uma marca própria na ciência, nós não temos nossa própria tecnologia. Agora, nós estamos buscando por uma identidade que é nossa, que é mais avançada.

Encontrei-me com Vossa Excelência Professor Dr. Nascimento no edifício do Ministério do Ensino Superior, em Luanda. Localizado em um prédio governamental da era colonial, o edifício não era exatamente modesto, mas certamente também não era luxuoso. O tráfego vibrava do lado de fora, um aparelho de ar-condicionado zumbia no canto e uma TV de aparência envelhecida exibia notícias nacionais em um volume baixo. Um tapete vermelho gasto cobria o chão, dois grandes sofás de couro encostavam-se nas paredes e um bebedouro com o galão vazio ficava no canto da sala ao lado de uma planta tropical. No escritório do ministro, uma bandeira angolana ladeava o retrato do presidente, e a mesa era feita de madeira polida coberta de papéis. O próprio Dr. Nascimento formara-se na antiga Leningrado, hoje São Petersburgo, na Rússia, completando sua graduação e mestrado lá com uma bolsa de estudos do governo. Depois, ele rumou para Montreal, onde ele fez outro mestrado e um doutorado em educação. Dr. Nascimento descrevia-se como um “militante do MPLA”, e esforçava-se muito para descrever, durante nossa discussão, o quanto o país havia progredido desde a era colonial.

Para o Dr. Nascimento, limitar a liberdade de expressão nas universidades – e, de fato, limitar a exposição sônica a ideias circulando de maneira geral – era um

passo necessário no processo de “amadurecimento” de uma nação muito jovem. Ele entendia que a geração atual estava lançando as bases da educação superior no país onde futuras gerações seriam as que o desenvolveriam. “Nós ainda não temos instituições maduras, e nós temos que cuidar muito em termo de quantidade e qualidade do que oferecemos para que tenhamos uma educação superior razoável”, ele explicou, bastante consciente das deficiências não apenas das universidades, mas de todo o setor educacional, onde o que nós podemos pensar como “infraestruturas do conhecimento” eram extremamente limitadas.¹⁴¹ No caso das universidades que eu abordo neste capítulo, os prédios, em si, eram novos – colocados sobre terra que já tivera muitos usos no passado.

Ainda assim, o corpo docente nessas universidades tinha, como demonstrei, suas próprias “estruturas de pensamento” já dispostas e informadas por suas próprias experiências de formação: o momento e o contexto específicos, seja no Brasil, em Cuba ou em outro lugar. Os docentes reproduziam aquilo que haviam aprendido, enquanto, ao mesmo tempo, tentavam preparar os alunos para as novas realidades do país em paz. Alguns eram capazes de pensar de maneira flexível e de adaptar seus materiais e modos de ensino, mas para outros isso era mais desafiador, e então eles confiavam na aprendizagem mecânica como se o contexto mais amplo da Cuba dos anos 1980, ou mesmo do Brasil dos anos 2000, ecoassem nas salas de aula de Lobito. Na sala de aula da universidade, onde estruturas de pensamento encontram-se com infraestruturas de conhecimento, a “identidade científica” descrita por Dr. Nascimento estava sendo criada diariamente. Durante o tempo de meu trabalho de campo, tive a sorte de poder participar de dois momentos significativos em que tal compartilhamento e co-criação ocorreram: a primeira e a segunda *Jornadas Científicas*, sediadas no Jean Piaget e em outra universidade de Lobito.

O conteúdo de ambas *Jornadas Científicas* a que compareci era bastante amplo, e seus propósitos, da maneira como entendi, era menos engajar as pessoas enquanto especialistas, e mais *iniciá-las na prática da escuta* na qual a experiência poderia ser envolvida. Os eventos foram cobertos por redes de TV nacionais e eram levados muito a sério por todos os envolvidos, enquanto ressaltavam um esforço conjunto para trazer à frente e ao centro a “nova identidade científica” articulada pelo Dr. Nascimento. Mais tarde, no mesmo mês, conversei longamente com o próprio ministro. A *Jornada* no Jean Piaget era um ponto de referência compartilhado útil, para ele, um exemplo do *Angola Faz*.

141 Edwards et al. (2013).

Angola Faz tem sido um dos slogans mais significativos do período pós-guerra.¹⁴² Diz o Dr. Nascimento:

As instituições estão fazendo, o ensino superior está fazendo. Em nosso contexto, a educação superior é fundamental ao país. Nós precisamos fazer muito mais, porque ainda falta muito. O ensino superior é um fator no desenvolvimento da pessoa angolana, do cidadão angolano, do profissional angolano, do cientista angolano, do pesquisador angolano. Nosso Ministério do Ensino Superior ajudará a criar instituições que compõem a sociedade, e, por essa razão, cada um precisa ser inserido no sistema angolano.

Para esse ministro, ser “inserido” no sistema angolano significava algo muito óbvio. Desenhou um quadrado no guardanapo a sua frente, e então desenhou setas apontando para o quadrado. “Jess, você tem o seu espaço”, ele explicou,

você tem o seu jeito de ser. Se tudo [mostrando as setas] que chega até você concorda com o seu jeito de ser, isso é bom, mas se não concorda, se te machuca, você não vai gostar. Isso acontece com todos os países. Angola só quer o que todo mundo quer, ser um Estado com suas próprias orientações, seu próprio espaço, seu verdadeiro jeito de ser. Na América, se a imagem do Estado é prejudicada, você vai para a cadeia ou é torturado. É o mesmo aqui. Os EUA têm uma tradição de governo que vem de séculos. Nós temos alguns poucos anos aqui. É muito recente, nós precisamos amadurecer. Apenas lembre-se, até 1970 na América, as pessoas negras *não possuíam* [grifo dele] liberdade de expressão. A falta de liberdade de expressão não deve nos amedrontar aqui, porque vamos melhorar com o tempo. Já temos uma certa liberdade, as pessoas podem dizer o que querem *nos lugares corretos* [grifo meu].

O que o ministro descreveu era um contexto no qual as pessoas que habitavam as infraestruturas físicas do conhecimento que o governo permitia que emergissem (por meio da concessão de autorizações) precisavam ser coerentes com uma estrutura de fala e de apresentação que não prejudicasse a reputação do Estado. Qualquer um poderia dizer o que quisesse “no lugar correto”, mas esse lugar *não era*

142 N.T.: No original, a autora faz uma digressão sobre a tradução do verbo fazer do português para o inglês nas palavras do Ministro do Ensino Superior de Angola que não tem sentido quando escrita em português. Transcrevo-a, entretanto, como forma de apresentar a argumentação da autora: “o verbo fazer é difícil de traduzir para o inglês, pois pode significar ‘doing’, ‘making’, ‘creating’, ‘succeeding’. Em nome da consistência, eu usarei o verbo ‘do’ enquanto traduzo as palavras do Dr. Nascimento sobre o estado do ensino superior no país àquela época. Não é nem de perto tão elegante quanto seria em português, mas eu espero que o significado de ‘do’ em seu sentido contínuo seja comunicado.”

a universidade, de acordo com Nascimento. A paz, novamente, demandava pacificação. A infraestrutura física possibilitava a infraestrutura do conhecimento – e algumas delas estavam além do controle do Estado (como se as faculdades privadas forneceria ou não Wi-Fi gratuito), mas a infraestrutura do conhecimento também era criada pelas pessoas, como no caso das *jornadas científicas*. Cada pessoa trazia consigo uma “estrutura de pensamento” previamente existente e informada por experiências sociais, políticas, econômicas, religiosas, geracionais e tecnológicas. Ainda assim, a surpresa e a esperança daquele momento da história angolana eram que ainda havia muitos pontos de desconexão. Para construir pontes entre tais desconexões, todos tinham que pensar fora dos enquadramentos e das estruturas com as quais eles chegaram, e isso era, em último grau, o grande sucesso que a universidade possibilitava.

SOM, ESTRUTURA E IMAGINAÇÃO

O som, como o cheiro e o gosto ou paladar, é modulado pela classe social. Geralmente, quanto mais dinheiro se tem, mais é possível controlar o som ao seu redor – as “paisagens sonoras”, para usar uma das palavras do início do capítulo. Isso pode envolver estar dentro de um carro particular ou estar no transporte público, ou pode ter a ver com a proximidade em relação às pessoas que moram na sua casa e aos seus vizinhos, ou com a habilidade do Estado de entrar na casa de alguém por meio das redes nacionais de rádio e televisão *versus* a escolha privada que acompanha os serviços de *streaming* da internet – e os fones de ouvido que costumam e individualizam as experiências auditivas – seja ligando-nos ao local, ou àquilo que é explicitamente transnacional. Escrevendo este capítulo, considerei útil sintonizar a Rádio Ecclésia pela internet em alguns momentos,¹⁴³ ouvindo as notícias a partir da perspectiva de Luanda, recordando dos sotaques e frases do português (à maneira das universidades privadas, as estações de rádio religiosas têm muito mais liberdade de expressão que as opções ligadas ao Estado). Em outros momentos, eu escutava MC Kappa no YouTube, além de prestar uma atenção cuidadosa aos sons que me circundavam em minha escrivaninha nas Ilhas Maurício.

Aqui, eu estive interessada em como o pensamento de alguém é efetivamente moldado pelo que se ouve, os barulhos da vida cotidiana em diferentes registros, do mundano ao político, do espiritual ao familiar. Músicos, como Marissa Moorman¹⁴⁴ primorosamente demonstrou, desempenharam um papel formativo em trazer a “Nova Angola” à tona, e continuam a fazê-lo atualmente. Mas também desempenham esse

143 Disponível em: https://streema.com/rádios/Radio_Ecclesia. Acesso em: 15 fev. 2021.

144 Moorman (2004).

papel as crianças cantando o hino nacional, como descrito anteriormente, bem como os sons produzidos pela abertura e pelo fechamento de portas que literalmente não existiam no país uma década atrás, ou os muezins das mesquitas construídas e periodicamente destruídas pelo Estado angolano. A Guerra Fria continua ecoar em Angola – mais do que em muitos outros lugares –, mas novos oradores também trazem novos sons e novas imaginações. Mesmo a *fofoca* mudou lentamente à medida que os celulares transformaram não apenas o que é escutado, mas também as plataformas nas quais a escuta se dá, definidas agora muito mais pelos bipes de chegadas de mensagens do WhatsApp do que qualquer outra coisa com a qual o Estado possa sonhar.

Por que isso importa? (som)

Contestação ideológica

Enquanto escrevo esse texto em 2019, parece-me, hoje, que o neoliberalismo é tão dominante que não raro é difícil imaginar que qualquer outra opção já esteve à disposição de maneira séria. Por meio dos impactos da contestação ideológica que essa etnografia explora, leitores são lembrados que, em um passado recente, as lógicas da expansão capitalista que atualmente dominam o mundo estavam longe de ser consideradas como algo dado. Explorar as expectativas em relação a um Estado em transição entre o socialismo e o capitalismo chama a atenção a como grupos diferentes navegam entre as estruturas ao seu redor: governança, vida social, mercado financeiro, sistemas de educação, religiões, moda e o que pode ser consideradas as diferentes “faixas de som” da vida cotidiana em diferentes lugares. Ler sobre as pessoas que fazem “tráfico de influência” ou que prosperaram no *capitalismo selvagem* compele a questionamentos que levam em consideração similaridades e diferenças, bem como escolhas e imposições. Nas mesmas circunstâncias, o que eu faria? Se eu estivesse lá, quais escolhas faria no curto e no longo prazo? As decisões sobre agir são, afinal, todas baseadas em crenças pessoais e coletivas não apenas sobre o que o mundo é, mas sobre o que ele pode *se tornar*.

POEMAS 2

ESTRELINHA

olhos ligeiros olhos arregalados e ligeiros olhando conhecendo quem está aqui e quem não está e quem é gentil e quem não é e quem beija quem no corredor e onde o gato de rua escondeu seus gatinhos olhos ligeiros olhos arregalados e ligeiros e um umbigo que se projeta como um punho marcando um nascimento onde tesouras devem ter sido escassas mas onde os beijos não eram, não eram, pois olhe ela abraçando sua mãe segurando seu pescoço e sussurrando segredos em seus ouvidos olhos ligeiros olhos arregalados e ligeiros observando e comentando sobre as crianças com uniformes chiques a distância insondável entre seus apartamentos cidade acima com barbies e a garagem convertida sem janelas onde ela dorme enquanto seu padrasto bebe e bebe olhos ligeiros ela sabe onde ele guarda as latas extras de cerveja e as notas secretas de whisky e ela procura, procura, procura, vestida com seu casaco branco da escola pública, como uma física segurando um giz de cera procura e procura uma rota de saída e por um lugar para brincar e por alguém com quem dançar e um lugar para desenhar sem ser interrompida. Olhos ligeiros, a garotinha está sempre observando. A mulher no andar de cima me conta que eles rezam por ela.

PÁSSAROS NO CAMPUS

*três garças brancas em longas folhas de grama verde
como facas que vêm da terra essa grama é forte, grossa o suficiente
para sustentá-las para resistir aos arranhões e para lhes dar de volta pequenos ecossistemas
de sustento. há três garças brancas em longas
folhas de grama verde que crescem na universidade que crescem
com a universidade uma universidade que está crescendo
a partir dos solos esgotados.
dos solos da guerra os poetas disseram e eles estão corretos porque
quando há destruição há poeira e depois
a distração a grama requer tempo para crescer para enraizar-se na terra
antes das
garças poderem vir. Garças embaixo de uma árvore na universidade que agora
tem uma década de idade, garças fazendo coisas normais de garça enquanto alguns alunos
sentam nas sombras próximas e estudam cálculo e outro lê um livro de
filosofia e uma mulher que tem setenta anos
e teve sua formação roubada por homens uniformizados caminha dolorosamente até
a mesa de matrícula na entrada e diz que ela está lá para aprender.
Voltando, as garças agora observam com um grau de curiosidade.*

JOÃO, DESMAIANDO

*João desmaiou
nas escadas
espumando pela boca
sua epilepsia
atacou.
João desmaiou
nas escadas
babando com ebriedade
suas opções de
entretenimento limitado.
João está dormindo
em um pedaço de papelão
do lado de fora do prédio
onde
ele é contado pela gentil
moça com uma prancheta
conduzindo o censo
nacional.
João enfureceu*

*as moças ricas do andar de cima
com sua conduta considerada
inapropriada.
João recusou-se a carregar
tanto peso
por menos dinheiro que
o suficiente para uma lata de cerveja
as moças estão enojadas
com ele, iletrado
bêbado epilético
nenhuma simpatia aqui
o concreto das escadas
é considerado medicação
apropriada
e com sorte aquela
moça gentil
do escritório do censo vai
fazer algo
para removê-lo.*

DONA MARIA SERVINDO SOPA

*eu deveria escrever um livro sobre a minha vida
diz a velha mulher com chinelos azuis servindo sopa.
na guerra eu carregava armas para as tropas e uma vez eu tive
que atirar, então o fiz
e minha mãe, coitada, tem um problema com a cabeça dela e ah pode ser
muito cansativo às vezes.
aqui está a sopa, sopa boa, as verduras que usei estavam frescas.
eu deveria escrever um livro sobre as pessoas que vêm a esse lugar
(essa varanda aberta na praia aquecida pelo odor suave
e cortada por sua voz ácida falando com as garçonetes caso elas ousem ser
mais lentas que areia movediça.)
a maioria delas que comem nasceram aqui, depois elas saíram, e agora voltaram
mas eu fiquei, sabe, porque nós não tínhamos escolha aqui minha família
era nobre, mas não tão nobre para fugir. e esse é o nosso lugar
eu deveria escrever um livro sobre minha vida e a época que eu nadei pela água
porque meu filho estava
se afogando, então eu o puxei
para fora, menino doce, com a força de um lobo louco
– carregar armas não era nada em comparação - e hoje ele está forte.
nesse livro, vão ter muitas palavras, mas agora, minha filha, come
a sua sopa eu estou
muito cansada
para te contá-las
come e vai pra casa
boa noite.*

DONA INÊS

*amarga e enrugada ocasionalmente lançava um sorriso que espelhava o que ela poderia ter
 sido vez
 é confuso ser tão capturada
 entre a luz e a escuridão da memória e o presente da cidade
 como ela é agora, como ela é desejada e como ela é restrita é difícil
 observar a amargura gotejar sobre si mesma e a raiva ferver no meio das memórias
 frustradas, e é difícil navegar através disso durante encontros nas escadas
 e continuar
 incólume através do dia, sem ser marcada por tamanho ódio feroz e seco.
 Sim, garota! ela grita
 antes da guerra isso era
 minha casa meu lugar
 era linda e agora
 está destruída e eu estou destruída
 e meus filhos estão destruídos
 e a mãe do meu
 neto que cheira cocaína
 às sextas-feiras está destruída e a
 economia em Portugal está destruída
 e ah meu coração já
 implodiu e se espalhou
 em um passaporte agarrado de volta
 pela terra natal quando a terra paternal está
 colapsando e ah garota era
 lindo e agora virou
 migalhas e eu, eu estou co
 m rai
 va dolo
 ri
 da am
 arg
 a...
 o que eu tenho agora, filha?
 ó lembranças. aqui é tudo
 destruída.*

DOIS FOTÓGRAFOS

(i)

Aqui está a câmera dele.

*Estamos em uma negociação de casamento e duas garotinhas vestem
cetim branco e sapatos suaves*

e têm cachorros chineses no provador

e a sala é pintada de laranja e há linóleo no chão

e está repleto de pessoas que trazem presentes pré-estabelecidos.

Esses, a moça da casa irá inspecionar: um vestido dourado

*um terno, e gravata (mas os sapatos e o cinto não combinam o que é motivo para
grande preocupação). E ele fotografa: click click, click click, sorria*

garotinhas, este é um

dia importante

click click, click click click

ele me diz seu nome e que esse é o seu negócio, e ele

também ensina na escola primária

*então nos encontramos algumas vezes, até que seu interesse romântico
diminui depois de tantas rejeições*

*Mas eu permaneço, com a trilha sonora de fundo para sua vida, os anos 1960
câmeras instantâneas: click click click click click,*

o homem da geração dos anos 1980, click click click click click click

barba artística por fazer espalhada por todo o queixo

cabeça angulada encontrando o enquadramento correto.

IGREJA CINEMA

*Uma fogueira queima no meio do prédio
em um espaço aberto, onde pó de cimento
ascende ao ar a cada passo.*

*A alguma distância uma tela de cinema de concreto
arqueia-se do palco como o mar aproximando-se de Moisés
e atrás de nós os assentos a céu aberto encolhem-se abaixo do novo teto metálico*

*A igreja engoliu o cinema colonial
e fez-lhe seu. Desativou as ferramentas
de imageria pecadora, e acendeu o fogo de Deus.*

*Onde outrora as luzes cintilavam sobre a parede contando
sobre outros países, agora uma luz – holofote – está
sobre o padre, que nos guia para o próximo mundo, o verdadeiro mundo ele diz
A cada semana tijolos são adicionados e o novo cimento é
jogado pelo chão. A lata de coleta é derramada
sobre as paredes e teto e altar recém-feito.*

*O cinema está tanto abandonado quando envolvido em adoração
espaço de zumbido gerado nas profundezas das barrigas
a congregação, arrebatada, dá as mãos e olha para cima através do novo
teto de lata
e ao invisível.*

PROFESSORA DE YOGA

*quando ela veio
ela planejava ensiná-los
yoga e como
andar de bicicleta;
ela veio para mudar e
civilizá-los ela veio para
praticar ayurveda e tocar
tigelas cantantes para curá-los;
ela veio com seu cabelo encaracolado
e seu espírito livre ela veio
com uma força para trazer
amor universal; ela se enrolou em uma bola
em sua cama quando lentamente amanheceu
que isso era insignificante para paixões
que se dissipavam como uma pitada
de sal no oceano esolhado
na insignificância como preciosas
sementes de dente-de-leão no ar depois
do vento ela repousa enrolada
em sua cama esperando para transformar-se
em amor universal.*

ENSAIOS FOTOGRÁFICOS

ENSAIO FOTOGRÁFICO 3: INFÂNCIAS



Crianças brincam no teto de uma casa de Huambo.



Perto do Natal de 2013, renas artesanais aparecem na Escola das Estrelas. Logo adiante, uma jovem mãe está com seu bebê e seu carro novo comprado com um financiamento bancário do lado de fora da casa que ela e seu marido reformaram.





Bonecas penduradas para secar em um bloco de apartamentos em Lobito; uma garotinha estende sua mão no Carnaval.

No bairro de Bela Vista, em Lobito, um elefante de concreto é a única coisa que restou de um parque construído na época colonial. As crianças ainda brincam nele, e pilotos de mototáxi procuram refúgio em sua sombra.



ENSAIO FOTOGRÁFICO 4: LAZER



O cinema local ao ar livre, outrora famoso Cinema Kalunga, às vezes exibe filmes, mas se ilumina à noite para abrigar shows com mais frequência. Aqui, ele descansa durante o dia.



Basquetebol é um esporte muito popular e tabelas estão por toda parte. O time nacional de Angola é um dos melhores da África. Muitos dos jovens fazem parte dos escoteiros. Às vezes, eles trazem seus laptops para as reuniões, e sempre têm seus celulares.





O barco de um pescador (feito à mão) repousa na praia depois de uma pesca noturna, não muito longe da piscina de água salgada do Esporte Clube Lobito.



Um show com músicos locais lota o Cinema Kalunga à noite.

CAPÍTULO 5

REFORMULAÇÃO NACIONAL

A SELFIE E O OUTRO

Quando me recordo do meu trabalho de campo, ainda não entendo o que levou Sebastião a tirar uma foto do meu armário em seu celular lascado da marca Samsung. Isso dito, quando procuro em meus registros, são essas estranhas imagens de objetos cotidianos que tornam o lugar e as pessoas reais para mim: bonecas penduradas para secar no varal, pesos enferrujados cobertos com grossa tintura branca, malas empilhadas contra o beiral de um prédio de apartamentos, paredes laranjas brilhantes que se ligavam, em minha mente, onde quer que ocorressem: casas angolanas no Rio de Janeiro, Curitiba, São Paulo e “em casa”, em Lobito, Benguela e Luanda. “Por que os angolanos gostam tanto de paredes laranjas?”, perguntei certa vez a Sebastião (Entrevista nº 62). Ele não sabia. Ele disse que suspeitava que havia um excesso de oferta dessa cor de tinta durante a guerra civil. Lentamente, deve ter se tornado “normal” e espalhou-se por aquilo a que Miguel Vale de Almeida refere-se como o “Atlântico negro”,¹⁴⁵ adentrando os espaços vividos pela diáspora e as várias lentes dos trabalhos de campo de estudantes de pós-graduação.

O Atlântico negro; paredes laranja; o vermelho, preto e amarelo da bandeira angolana; camisetas brancas de escola; um céu azul e alto. Como muitos de minha geração, que alguns estudiosos chamam de quase nativos digitais para descrever nossa relação com a tecnologia,¹⁴⁶ minhas memórias do espaço e dos lugares

145 Almeida (2004). Alguns leitores devem estar familiarizados com a noção de “Atlântico Negro”, de Paul Gilroy (1993), na qual ele descreve as influências culturais de pessoas escravizadas levadas da África para o Reunio Unido e os Estados Unidos. O Atlântico de Gilroy está acima do equador, entretanto, e intelectuais como Miguel Vale de Almeida escreveu muito sobre o resto do Oceano Atlântico, que flui ao sul e conecta a África à costa do Brasil. Almeida o chama de “Atlântico Marrom” para distingui-lo do conceito de Gilroy, mas também porque ao longo do Atlântico Sul havia muito mais diversidade racial. Este foi o assunto de muitos livros, então aqueles interessados podem ver a seção Sugestões de leitura para mais material a respeito.

146 Prensky (2001).

são proscritas visualmente, codificadas e arquivadas em imagens frequentemente armazenadas nas redes sociais e incorporadas por referências como números de curtidas e se meu pai fez ou não comentários ousados e afetuosos no *feed* público anexados a elas. A internet tem sido uma parte do meu mundo desde a infância e, embora eu estivesse viva na época em que minha primeira câmera fotográfica era uma Kodak de plástico rosa, cujo filme consumia todo meu dinheiro em troca de fotografias borradas dos gatos da casa, meu mundo tornou-se digital, e rapidamente também online, por volta do início de minha graduação na Cidade do Cabo em 2005.

Como estudante de pós-graduação, lembro-me de debater sobre o uso de redes sociais com meus colegas de classe durante um seminário de metodologia. Naquela época, nós estávamos a apenas alguns quilômetros do quartel-general do Facebook, e nosso departamento havia concluído recentemente um estudo sobre o uso do iPhone na metodologia do trabalho de campo.¹⁴⁷ Nossa turma estava dividida entre se era ou não uma boa ideia continuar a usar o dito caderno de campo de papel, tido como fetichizado, ou mudar para tecnologias como o iPad (“mas e se você derrubá-lo na água?” “Seu caderno também se desmancharia lá”), e ainda mais incertos no que dizia respeito ao uso do Facebook e outras plataformas de redes sociais no campo

Se *fosse preciso* usar o Facebook em campo, qual seriam os parâmetros éticos de tal uso? Ele possibilitaria ou atrapalharia o trabalho de campo? Seria preciso ter uma conta “pessoal” e uma “profissional” separadas?¹⁴⁸ Quais eram os limites sobre o que poderia ser compartilhado com amigos, profissionais ou com os próprios interlocutores na plataforma online? Deveríamos ou não enviar solicitações de amizade para nossos interlocutores? Se nós tivéssemos um perfil falso ou profissional (e o que isso quer dizer?), e os interlocutores se tornassem amigos “de verdade”, nós então deveríamos adicioná-los e estragar nosso disfarce inicial? Como muitas das conversas durante minha pós-graduação, essa serviu para complicar tudo e não resolver nada – mas de uma maneira útil.

Minha própria decisão, então, foi ser honesta e tão natural quanto possível. Planejava continuar usando o Facebook, mas moderadamente, nunca exibir os rostos das pessoas em campo se eu quisesse compartilhar detalhes da minha vida em Angola com meus amigos e minha família (a menos que eu tivesse a permissão deles ou eles mesmos tivessem postado a foto primeiro), adicionar ou aceitar solicitações de amizade apenas daqueles que eu conhecia pessoalmente e considerar cuidadosamente as consequências de qualquer post ou atualização de status tanto

147 Ames (2013).

148 Walton e Hassreiter (2015).

quanto eu fazia em minha vida cotidiana. Nunca havia sido uma grande usuária de redes sociais em primeiro lugar. Estava preocupada em relação à sombra que minha vida digital poderia projetar em meu trabalho de campo, até que me encontrei em meio a uma cadeia de eventos que se desdobraram como resultado de minha ligação e amizade genuína com pessoas que o governo vigente não aprovava.

Neste capítulo, meu objetivo é explorar o que acontece quando “o eu e o outro” da pesquisa etnográfica¹⁴⁹ se tornam “a *selfie* e o outro”.¹⁵⁰ Veio rapidamente à tona que minha preparação pré-campo havia falhado de uma forma fundamental, pois não tinha considerado de maneira suficiente como o uso de redes sociais por meus interlocutores poderia afetar – e, de fato, afetaria – minha pesquisa em todos os níveis. Descobri rapidamente que a imersão total significava mergulhar não apenas dentro do mundo físico dos meus interlocutores, mas também do digital, e tal imersão teve consequências gigantescas em termos de acesso, confiança e de informação prática cotidiana.

Em anos recentes, muitos pesquisadores começaram a explorar o impacto do uso de redes sociais na vida cotidiana em uma grande variedade de contextos culturais e sociais. Daniel Miller e seus alunos, entre outros, demonstraram que as redes sociais são usadas de maneiras diferentes e para propósitos diferentes, em diferentes partes do mundo.¹⁵¹ Isso não deveria ser surpreendente. Ao contrário, o que era atraente no contexto angolano era que os processos e práticas do uso de redes sociais estavam ocorrendo em um contexto de reformulação nacional, como desenvolvo aqui, no sentido de reconstituir um mundo por meio de imagens nacionalistas e propaganda que ressaltavam as mudanças, que eram reais, mas que raramente atingiam os angolanos médios. Esse processo de reformulação estava manifesto tanto na fotografia impressa quanto nos mundos digitais, e no qual minha participação era demandada ativamente.

Na primeira seção deste capítulo, exploro esse processo, começando com a memorização de uma imagem de um show de rock. Talvez de maneira surpreendente, não incluí as próprias fotos porque não as tirei com a intenção de reproduzi-las – elas eram os equivalentes visuais de notas rabiscadas e, no processo editorial, tornou-se evidente que elas não poderiam ser impressas. Foi uma importante lição:

149 Na antropologia e em outras disciplinas correlatas, o termo “o outro” foi tipicamente usado para se referir a pessoas de continentes inteiros sob a presunção de que o “self” é branco, hétero e ocidental. Escritores como Edward Said (1978) e Roberto Kant de Lima (2011) criticaram essa presunção, e a antropologia atualmente – ainda bem – é amplamente formada por acadêmicos que rejeitam tal definição. Eu rejeito, e a seção sobre ética que vem em sequência reflete acerca deste fato.

150 Essa expressão não é minha. James Ferguson, meu orientador de doutorado, formulou-a durante uma de nossas reuniões em 2016. Foi um exemplo de sua orientação perspicaz e, por vezes, hilária. Foi um privilégio trabalhar com ele.

151 Costa (2016), Horst e Miller (2012), Miller (2016).

é possível reescrever um registro de campo, mas não se pode tirar uma foto de um lugar distante novamente. Na segunda seção, recorro à teoria contemporânea para argumentar que a vida biopolítica das telas deve ser levada em conta nas etnografias e pesquisas de hoje em dia e, na terceira seção, argumento em favor da extensão da participação observante para os mundos digitais que moldam e refletem os mundos materiais que eles documentam.

No final de 2019, a alfabetização virtual sobrepõe-se de maneira crescente à necessidade de ler textos, e as tecnologias dos smartphones, combinadas a plataformas como o Instagram, permitem que todos se tornem autores com milhões de seguidores. Pergunto-me com frequência se, caso o Instagram fosse em 2013 o que é hoje, eu não teria criado uma página que refletisse a arquitetura fascinante da província de Benguela e, se eu tivesse feito isso, o que esse processo teria feito pela minha pesquisa. A realidade é que através das fotografias, tanto pesquisadores quanto pesquisados estão cada vez mais envolvendo-se no avistamento mútuo da cultura,¹⁵² mas aprender como peneirar os fatos da ficção ganhou um novo nível de importância e gerou muitas questões não resolvidas. Por exemplo, usar um filtro é o mesmo que editar uma transcrição de entrevista? Podemos borrar ou editar os rostos para driblar a obtenção de consentimento informado? Como endereçamos a privacidade visual quando fotografar uma casa significa revelar a identidade de interlocutores dentro da comunidade?

REFORMULAÇÃO NACIONAL: GARANTA ÀS SUAS CRIANÇAS UM PASSADO MELHOR

Uma de minhas primeiras experiências em campo foi ir assistir à filha de alguns amigos atuar em uma peça da escola (Registro de Campo 131026). Nós fomos de carro até um salão alugado onde o evento aconteceria, e eu observei, com curiosidade, tanto sua performance quanto a intensidade com a qual ela era documentada: uma pequena empresa de vídeo estava fazendo o “DVD oficial”, que, disseram-me, todos os familiares iriam comprar depois e, quase sem exceção, todos os membros da plateia estavam gravando o que se desenrolava em iPads e outros tablets, dando a impressão, de meu lugar no fundo do salão, de um mar fosforescente de telas brilhantes, com o palco assemelhando-se a um navio à distância.

152 Este é um jogo de palavras que faz alusão a alguns textos famosos dos anos 1980 chamados de debates sobre a escrita da cultura (*writing culture debates*), em que antropólogos começaram a realmente questionar se estavam de fato fazendo seus trabalhos sozinhos ou se o crédito também deveria ser concedido aos seus interlocutores (CLIFFORD; MARCUS, 1986).

Presenciaria o “mar de iPads” repetidamente durante meu trabalho de campo: em reuniões de escoteiros, nas escolas, em shows e no carnaval. As imagens eram colocadas nas redes sociais e no YouTube e compartilhadas com amigos. As pessoas marcavam-se umas às outras, e também a seus filhos, gabando-se e rindo (“kkkkkk” é como se ri online em português); frequentemente compartilhavam notícias, mas compartilhavam coisas que achavam engraçadas com muito mais frequência. Sem surpresa, e alinhado com o que tem sido documentado a respeito do uso de redes sociais em uma variedade de contextos culturais,¹⁵³ o conteúdo era quase inteiramente positivo: o objetivo era contar histórias de sucesso e felicidade, e compartilhá-las com um mundo o mais amplo possível. Muitas dessas fotografias permaneceram nos celulares e nas nuvens, mas algumas também foram impressas, e, em Lobito, muitas pequenas lojas – majoritariamente comandadas por imigrantes vietnamitas – conduziam um próspero negócio tornando materiais as fotografias digitais trazidas em aparelhos eletrônicos. Elas eram, então, trocadas como presentes, transformadas em calendários, colocadas em álbuns de família ou exibidas nas paredes.¹⁵⁴

Frequentemente me surpreendia em quando minha presença era “conhecida” em certos eventos: uma noite, fui a um show do músico angolano Yannick Afroman, que ocorreu no Cinema Kalunga, em Benguela, um anfiteatro a céu aberto transformado em espaço para shows. Minha amiga Victoria e eu caminhamos cuidadosamente pelo terreno inclinado com nossos saltos altos (tudo, menos obrigatório), equilibrando copos de plástico com cerveja em uma mão, celulares em outra, e bolsas pendurando-se em nossos pulsos. Posamos para *selfies* e fotos em grupo por centenas de vezes ao longo da noite e, de fato, no dia seguinte, no trabalho (eu era professora de música em uma escola primária), nos escoteiros (onde eu trabalhava enquanto voluntária) e onde quer mais que eu passasse, as pessoas comentavam sobre o meu vestido, o show como um todo e a música de Yannick Afroman. Minha presença no show fora documentada, observada e incorporada à vida social da cidade e daqueles ao meu redor e, a despeito de a outra pessoa ter ido ou não ao show, o acontecimento tornou-se um ponto de partida para conversas relativas à música, moda, raça, africanidade e identidade.

O tipo de experiência que passei – simultaneamente como pessoa vista e que vê – distanciou-se de grande parte da literatura sobre fotografia com a qual havia me envolvido anteriormente. Angola, como muitos outros países pós-guerra, foi marcada (algumas pessoas diriam cicatrizada) pela história das imagens nas quais

153 Bolton, Parasuraman e Hoefnagels (2013), Costa (2016), Miller (2016).

154 Muitos trabalhos importantes têm sido feitos sobre o uso da fotografia dessa forma. Ver, por exemplo, Strassler (2011), Vokes (2012) e Hjorth e Pink (2014).

as “lentes” do interesse internacional e, com frequência, do conhecimento nacional estiveram focadas primordialmente naquilo que era doloroso. De fato, durante minhas primeiras leituras sobre o país, fiquei chocada ao descobrir a existência de um concurso de beleza chamado “Miss Mina Terrestre de Angola”, em que vítimas de minas terrestres participavam competindo pelo título de rainha da beleza, em uma tentativa que, entre outras coisas, visava “questionar os conceitos estabelecidos de perfeição física”, “substituir o termo passivo ‘vítima’ pelo termo ativo ‘sobrevivente’”, e “divertir-se”.¹⁵⁵

Durante minha primeira viagem a Angola, em 2011, conheci um homem que havia editado recentemente o primeiro livro nacional de fotografias pós-guerra de Angola com texto em inglês e português: 186 páginas de pessoas comuns, paisagens e infraestrutura chamado *Angola, um país a renascer*.¹⁵⁶ Produzido pela organização sem fins lucrativos do então presidente, a FESA, o livro proclama que “a paz veio para ficar”.¹⁵⁷ Seu propósito, de acordo com seu prefácio, era “mostrar ao mundo que os angolanos são plenamente capazes de contribuir com a melhoria da raça humana”,¹⁵⁸ e tinha a intenção explícita de oferecer à comunidade global um modo diferente de “ver” Angola.

Angola, um país a renascer foi rapidamente sequenciada por uma segunda publicação, dessa vez em português, inglês e chinês, chamada *Cities and people of Angola*.¹⁵⁹ Esse último foi produzido bem a tempo de ser exibido no estande de Angola na Exposição Mundial de Xangai de 2010. De acordo com seu editor (a mesma pessoa que produzira o texto anterior), eles quase tinham perdido o prazo para impressão porque o presidente recusou-se a permitir a publicação até que o livro incluísse uma imagem de um homem andando de jet ski. Por que o presidente importava-se tanto com o jet ski? O editor não sabia me dizer com certeza, mas o propósito de ambos os livros era fornecer uma contraperspectiva sobre Angola – uma que enfatizasse infraestrutura e a paz do dia a dia. Também era obviamente para atrair investimentos estrangeiros, e os textos foram produzidos paralelamente à campanha midiática *Angola Faz!* que descrevi acima, e que era direcionada para um público interno. Juntos, os livros e a campanha podem ser lidos cinicamente (caso não se acredite que representam uma versão da verdade) enquanto propaganda, pragmaticamente como uma reformulação nacional necessária para a emergência do estado neoliberal. A reformulação também é essencial se a intenção

155 MacKinnon (2008).

156 Cerqueira e Schul (2008).

157 Id. *ibid.*, p. 8.

158 Id. *ibid.*, p. 8.

159 Abrantes e Martins (2010).

nacional é sair do *capitalismo selvagem* em direção a uma estrutura econômica ligeiramente mais respeitável internacionalmente, ou, como sugiro, como parte de um processo de refiliação.

Por “refiliação”, não quero dizer que isso diga respeito à memória,¹⁶⁰ mas, ao invés disso, um processo de construção da nação explicitamente desenhado para mudar a forma como Angola era conhecida – tanto pelos próprios angolanos quanto pelos estrangeiros. Isso, em certos aspectos, não era diferente do que Toni Morrison¹⁶¹ descreveu ao tentar reimaginar ou retrabalhar um corpo percebido pelos outros enquanto “feito” em algo que pudesse ser reconhecido como “bonito”. Citei acima uma passagem do romance *Creole*, do autor angolano José Eduardo Agualusa. Em outro livro, traduzido para o inglês sob o título *The book of chameleons*, Agualusa¹⁶² fornece uma narrativa poderosa do motivo pelo qual importam as histórias pessoais e as memórias, e como elas são alcançadas na ficção que, talvez, está menos distante da realidade do que se pode pensar. Ambientado na Angola pós-guerra, o romance se desenrola na casa de Felix Ventura, um homem em cujo cartão de visitas lê-se “Garanta a seus filhos um passado melhor”.¹⁶³ Ventura vive rodeado por fotografias e excertos de jornais, e seu trabalho é recriar o passado para clientes que são “uma burguesia completamente nova”: como o texto explica, os clientes de Ventura são

homens de negócio, ministros, proprietários de terra, contrabandistas de diamantes, generais – em outras palavras, pessoas cujos futuros estavam assegurados. Mas o que faltava a essas pessoas era um bom passado, uma ancestralidade importante, diplomas. Em suma, um nome que ressoasse a nobreza e cultura. Ele vendia a essas pessoas um passado novo em folha. Ele desenhava suas árvores genealógicas. Ele fornecia a elas fotografias de seus avós e tataravós, cavalheiros de porte elegante e senhoras antiquadas. Os homens de negócio, os ministros, gostavam de ter mulheres assim como suas tias, ele prosseguia apontando para os porta-retratos nas paredes - velhas senhoras envoltas em tecido, burguesas *bessanganas* autênticas –, eles queriam ter um avô com o porte distinto de um Machado de Assis, de um Cruz e Souza, de um Alexandre Dumas. E ele vendia a essas pessoas esse sonho simples.¹⁶⁴

160 N.T.: Aqui, a autora utiliza o termo *re-membering*, aludindo à ideia de uma renovação do pertencimento a algo, mas que poderia ser confundida com uma alusão à ideia de rememoração.

161 Morrison (2007).

162 Agualusa (2006).

163 Id. *ibid.*, p. 23.

164 Id. *ibid.*, p. 23.

O trabalho de Ventura é semelhante à insistência do ex-presidente a respeito do jet ski no processo de reimaginação nacional, e é um exemplo da refiliação nacional. Os mares de iPad do show em Benguela e as brincadeiras de criança em Luanda também não são dessemelhantes: em todos esses casos, o que está em jogo é a imaginação visual do que se é. Se a identidade é estruturada apenas por representações de sofrimento, fica difícil transcendê-lo. Mas se a identidade é estruturada por jet skis, “burgueses *bessanganas*” e shows de rock sob as estrelas, futuros alternativos tornam-se muito mais fáceis de ser imaginados – embora não menos difíceis de ser alcançados (e, talvez, como resultado dessa imaginação, tornam-se também mais decepcionantes ao permanecerem como uma esperança distante). Na seção seguinte, abordo o processo de fabricar tais futuros alternativos através das telas, do poder que tais tecnologias cada vez mais têm em termos de mundo-real e as implicações desses futuros alternativos para o trabalho de campo quando não se dá a eles o devido respeito.

TELAS BIOPOLÍTICAS: ESTRUTURAS DA VISÃO

Durante o tempo em que vivi em Lobito, uma das relações mais importantes que construí foi com uma ONG bastante conhecida cujo trabalho era focado na garantia dos direitos humanos e da democratização. Visitava suas instalações quase todos os dias, e o diretor, os funcionários e os participantes tornaram-se facilitadores extremamente importantes para o meu trabalho, além de grandes amigos. Essas amizades eram significativas tanto no meu dia a dia quanto nas redes sociais; no dia a dia, para conversas, risadas, apresentando-me outras pessoas e conhecimento sobre Lobito, e online em razão dos artigos, blogs, vídeos e redes de contato que essa pessoas traziam para meu foco de atenção, e que, de outra forma, teriam permanecido invisíveis para mim. Algum tempo após o início de meu trabalho de campo, um grupo baseado em Luanda, que tinha algumas conexões com essas pessoas, produziu um DVD chamado *Geração da Mudança: o despertar de uma geração anestesiada: 32 é muito*.¹⁶⁵ O número 32 referia-se aos anos no poder do então presidente do país, José Eduardo dos Santos, que havia assumido o cargo em 1979. O *Geração da Mudança* contribuiu com um discurso antipresidente crescente, disseminado, em parte, por um grupo de jovens conhecidos como os *revus*.¹⁶⁶ Como tantos outros, estava interessada no DVD, e encomendei uma cópia. Ela foi devidamente arranjada pelo pessoal da ONG, e concordei em participar em sua

165 Chipilica (2014).

166 Pearce, Péclard e Oliveira (2018).

campanha publicitária nas redes sociais, permitindo que eles me fotografassem com o DVD nas mãos.

Assisti ao filme com interesse, mas não pensei mais sobre aquela foto até vários meses após o episódio. Dando continuidade ao meu trabalho de campo no Rio de Janeiro, Brasil, tive uma discussão inesperada com outro interlocutor. No Rio, trabalhei de maneira muito próxima aos funcionários do consulado angolano, pois eles me conectavam à vida social angolana na cidade, especialmente por meio de seu centro cultural. Tornei-me amiga de um jovem rapaz de Benguela que chamo de Xavier, e cujas experiências como estudante universitário no Brasil tornariam-se parte fundamental da minha tese de doutorado. Uma tarde, enquanto assistia à partida de futebol semanal de um campeonato angolano amador que ocorria não muito longe do consulado, ele me puxou de lado. O diálogo que se seguiu foi mais ou menos assim.

“Jess, nós temos um problema.”

“Temos? O que foi?”

“O problema é que você é amiga de alguns revolucionários, e por isso o consulado quer parar sua pesquisa.”

“Amiga de revolucionários?”

“Sim. Nós vemos o tempo todo no Facebook. Nós achamos que você pode ser da CIA e está tentando derrubar o regime” (Registro de Campo 140830).

Ser confundida com uma agente da CIA não é incomum na antropologia, nem uma sugestão desarrazoada dada a longa imbricação da disciplina com aparatos de segurança de vários Estados e governos.¹⁶⁷ Percebendo rapidamente que ele falava sério, fiz o meu melhor para assegurar a Xavier o quão incompetente eu seria como espiã (pensando em retrospectiva, uma decisão deveras questionável), e revelei que estava ali recebendo uma bolsa do governo brasileiro, não da National Science Foundation, dos EUA, ou de sua equivalente sul-africana – algo que ele prontamente checkou online usando seu telefone.

Depois de uma breve discussão, veio à tona o fato de que a suspeita havia surgido a partir da minha fotografia segurando o DVD supracitado. Sem meu conhecimento, ela havia sido postada em diversos outros blogs e um funcionário do

167 Gordon (1987), Max (2008), Price (2016).

consulado havia visto e me reconhecido. Isso, então, levava a uma investigação minuciosa de meus perfis nas redes sociais, e, a despeito da razoável estrutura de segurança de meu perfil, evidências sobre as minhas amizades com indivíduos em particular já conhecidos por suas visões antiestado foram consideradas extremamente problemáticas e suficientes para motivar uma ameaça de suspensão de minha pesquisa.

Quando cheguei a casa naquela noite, decidi escrever à diretora da ONG pelo Facebook, e ela, para minha surpresa, estava online apesar de ser por volta de 3 da manhã no horário de Angola. Também escrevi para alguns de meus amigos mais ativos nas redes sociais perguntando se eles poderiam simplesmente parar de me marcar em seus posts de modo que minhas tentativas de frequentar mundos diferentes – apoiadores do governo e elementos da sociedade civil que, à época, se opunham ao governo – fosse menos visível. Escrevi uma mensagem simples para todos eles dizendo o quanto gostava de seus posts, mas explicando que alguns de meus trabalhos atuais envolviam entrevistas com oficiais do governo e, portanto, eu precisava não ser marcada em seus posts. Para minha surpresa, como dito anteriormente, a diretora respondeu imediatamente: ela estava furiosa. Ela me acusou de ser contra a liberdade de expressão, apoiadora de um ditador, contra a democracia, uma vendida e uma traidora. Estava sentada de frente para o computador e me sentia chutada no peito, suspeitando bastante que ela se sentia da mesma forma. Confiança é algo crítico para a pesquisa etnográfica, assim como tentar entender a realidade a partir do maior número de perspectivas possíveis. Neste caso, naquele momento senti que essas duas necessidades eram fundamentalmente incompatíveis uma com a outra – o debate estava por demais polarizado para ser possível construir pontes.

Por fim, eu pude, de maneira prática, completar minha pesquisa (o meu visto não foi revogado), mas frequentemente penso no que perdi por meio dessas interações – ironicamente, tanto com aqueles que serviam ao regime quanto com aqueles que o criticavam. Minhas tentativas de uma neutralidade amigável foram comprometidas pelas redes sociais, o que obviamente também refletia uma certa verdade: eu *era* amiga de pessoas que eram críticas do Estado, e eu mesma não era, na verdade, neutra em relação às minhas posições e visões, mesmo que eu fosse diplomática o suficiente para manter tais posições e visões em segredo. Eu era recorrentemente lembrada que a neutralidade não era possível,¹⁶⁸ e meu erro foi pensar que só porque meu interesse sobre a perspectiva do consulado angolano *também era* sincera, eu poderia, de alguma forma, transcender à regra do “ou você está conosco, ou está contra nós” que era fundamental para a forma como o aparato do Estado angolano operava à época.

168 Hammersley (1999).

Na era do *big data*, o trabalho de campo está mudando rapidamente, e depois dessa experiência, comecei a ler bibliografias sobre as novas mídias de maneira muito mais séria e comprometida. Duas ideias em particular me chamaram a atenção. Em um artigo intitulado *The New Visibility*, John B. Thompson faz uma reflexão sobre a tortura de prisioneiros iraquianos em Abu Ghraib, uma prisão gerenciada pelos EUA localizada em Bagdá. Em 2004, imagens de tortura e outros abusos foram levadas ao conhecimento público e tornaram-se o que ele chama de “um novo mundo de visibilidade mediada”¹⁶⁹ no qual, ele argumenta, indivíduos e organizações usam imagens como partes explícitas de suas estratégias nas lutas cotidianas – um ponto que ficou ainda mais evidente pelo uso das plataformas de redes sociais, imageria e vídeos por grupos contemporâneos como o Estado Islâmico.¹⁷⁰ Em circunstâncias muito diferentes, o antropólogo estadunidense Danny Hoffman escreve sobre imagens da natureza em Serra Leoa como “ícones do contexto social”,¹⁷¹ o que provoca questões não apenas sobre a imagem em si mesma, mas sobre as circunstâncias mais amplas de sua produção e circulação. Dando os retoques finais nas provas deste livro, no fim de 2019, já vejo o quão datado parte deste material pode parecer – e isso também é um novo desafio da etnografia contemporânea.

O historiador da arte norueguês Pasi Väliäho levou esse ponto muito mais além. Em *Biopolitical screens: image, power and the neoliberal brain*,¹⁷² ele explora os efeitos dessas tecnologias por trás da produção das imagens – as telas, de maneira mais notável – sobre como o mundo é feito e experimentado. “As telas e as imagens que elas materializam, ecoam e evocam eventos psíquicos e somáticos”, ele escreve, “tecendo-nos e nossas visões internas em tecidos sociais de afetividade, desejo, significado e comportamento que compartilhamos uns com os outros como seres coletivos”.¹⁷³ Väliäho interpreta as tecnologias de tela dos videogames aos controles de drones em paralelo com o trabalho do teórico social Michel Foucault, para considerar como as interações com as telas (e, através da nova tecnologia de realidade virtual, também as projeções) têm consequências nas maneiras como as pessoas interagem, brincam, cuidam e, às vezes, matam umas às outras – este último, uma experiência explorada em aguda profundidade na etnografia da guerra com drones de Hugh Gusterson.¹⁷⁴

169 Thompson (2005, p. 35).

170 Farwell (2014), Klausen (2015).

171 Hoffman (2007, p. 104).

172 Väliäho (2014).

173 Id. *ibid.*, p. 1.

174 Gusterson (2016).

Interações humanas, Väliaho explica, são crescentemente baseadas nas imagens pixeladas de seres humanos que estão longe de qualquer percepção sensorial e além da visão: não há cheiro de sangue quando se mata com um drone, nenhum som de uma bomba caindo ou qualquer estímulo sensorial para viver e reviver como parte de uma revisão ética – no máximo a experiência de apertar um botão ou clicar em uma tela, talvez um pouco de suor. Entretanto, como o documentário *Human Terrain*, que aborda o uso de cientistas sociais no esforço de guerra moderno, demonstrou,¹⁷⁵ isso também pode ser superado com treinamento. Em todos esses exemplos, o que vem à tona não são apenas imagens que refletem o mundo a nossa volta, mas que ativamente também o *produzem*, influenciando “os filmes em exibição em nossos cérebros... para trazer para o primeiro plano o ‘presente emergente’, um momento de imaginação e pensamento que consegue vislumbrar o que ainda não foi construído, mas que poderia ser”.¹⁷⁶

O que Angola poderia ser, e o que é possível ser em Angola? A resposta para esta última pergunta é certamente “muito mais do que uma vítima de guerra”, o que pode, em parte, ser a razão pela qual os filhos do antigo líder da oposição Angolana processaram os produtores do jogo *Call of Duty: BlackOps III*, que retrataram seu pai como um “bárbaro”.¹⁷⁷ Que um ser humano como Jonas Savimbi tenha aparecido nesse jogo diz, antes de mais nada, bastante sobre como o próprio jogo reflete os estereótipos e metáforas dos sistemas mundiais contemporâneos. Que os produtores tenham pensado que poderiam passar incólumes com tal produção sugere uma presunção incorreta de conexão assimétrica. Em todos os exemplos dados nessas páginas até agora, é possível “ver” as propriedades criadoras de vida das telas: em uma imagem capturada de um armário no Rio de Janeiro, um show em Benguela, um jet ski em um livro de fotos, um videogame e em processos de produção etnográfica. No mundo contemporâneo, “os filmes em exibição em nossos cérebros” são mais que lentes que informam como vemos o mundo – eles ativamente moldam nossas decisões sobre onde ir, com quem interagir e como responder quando nos conhecemos pessoalmente.

RINDO NA INTERNET

Em 29 de agosto de 2014, surgiu uma piada na página do Facebook dos Escoteiros Angolanos. O texto dizia o seguinte:

175 Human (2010).

176 Väliaho (2014, p. 129).

177 Stuart (2016).

O presidente da República [de Angola] viajou para o Brasil com o vice-presidente. Na viagem, o vice-presidente Manuel Vincente disse: “Eu poderia jogar cinco mil pela janela notas de kwanzas e fazer cem pessoas felizes”. [O presidente] José Eduardo respondeu: “Você gosta de competir comigo! Eu sou rico, eu poderia jogar pela janela dinheiro suficiente para fazer uma província inteira feliz”. Manuel respondeu: “Eu sei, acalme-se. A única pessoa pobre entre nós é o piloto”. O piloto, então, falou: “Vocês é que deveriam estar pensando. Eu poderia arremessar o avião no chão e fazer o país inteiro feliz”.

A piada era surpreendente menos em razão de seu conteúdo, e mais em virtude de seu contexto naqueles anos. Em 2016, Angola foi apontada como o 125º lugar de um ranking realizado pelo Repórteres Sem Fronteiras que analisava a liberdade de expressão de um total de 180 países (em 2018, era o 121º lugar, e o ranking mais recente pode ser visto em <https://rsf.org/en/angola>) – e críticas ao Estado poderiam resultar, e frequentemente resultavam, em punição, como já argumentei neste livro. À semelhança do DVD descrito anteriormente, entretanto, a piada refletiu uma mudança de humor entre a população mais jovem de Angola, um grupo que, pela primeira vez em quase quarenta anos, estava envelhecendo sem crianças marcadas pela guerra. Muitas pessoas riram publicamente nos comentários (“kkkkkkkk!!!”), algumas elogiaram a piada por sua precisão. Muitos outros expressaram choque que as pessoas pudessem tomar a liberdade de fazer críticas – um choque justificado em 2016, quando quinze jovens foram presos simplesmente por fazer parte de um grupo de leitura e por trabalharem o texto do cientista político estadunidense Gene Sharp, *From dictatorship to democracy*.¹⁷⁸

Enquanto estava conduzindo meu trabalho de campo, a página de Facebook e o blog *Humans of New York*,¹⁷⁹ do fotógrafo estadunidense Brandon Stanton, estava no auge – inclusive de Angola –, e surgia quase diariamente em conversas. Ao mesmo tempo, outro estadunidense, Pharrell Williams,¹⁸⁰ havia lançado um single intitulado “Happy”, que rapidamente inspirou “vídeos tributo” em todas as partes do mundo, inclusive por meus alunos de música da 6ª série na escola onde eu lecionava em Lobito. Inspirados pelo que estavam vendo online, meus alunos negociaram, com sucesso, a possibilidade de fazer um vídeo para o YouTube ao

178 Marques (2015), Moorman (2015).

179 O blog *Humans of New York* iniciou seus trabalhos em setembro de 2010. O livro de Brandon Stanton (2015) reúne todos os textos postados em seu sítio.

180 Williams (2013).

invés de escrever uma prova final de forma a “participar no mundo” e “mostrar Lobito [para o mundo]”.¹⁸¹

Embora não seja de forma alguma representativo do país todo, esses jovens de 18 anos de idade, e também os escoteiros que postaram a piada no Facebook, são parte de um grupo que o educador estadunidense Marc Prensky¹⁸² chamou de “nativos digitais”, aqueles que cresceram ao lado de pares de classes equivalentes ao redor do mundo, conectados através da tecnologia e familiarizados com seu uso. Esta também é a audiência para quem este livro majoritariamente foi escrito. Prensky não se refere “ao mundo” em larga escala, ou aos impactos desiguais da globalização¹⁸³ e do acesso à tecnologia,¹⁸⁴ mas as questões que ele levanta sobre como as gerações podem pensar e agir radicalmente diferentes umas das outras são certamente relevantes para Angola, e para qualquer um interessado em metodologias de trabalho de campo.

Há um paradoxo interessante em jogo entre o local e o global no caso das imagens da mídia. As linguagens da internet ainda importam (cada vez menos, à medida que as tecnologias de tradução se tornam mais sofisticadas), mas as fronteiras geográficas são menos e menos significativas na criação e na manutenção de comunidades imaginadas muito reais, e o nacionalismo, tão bem descrito por Benedict Anderson,¹⁸⁵ está sendo cada vez mais rompido pela co-criação de conhecimento global no qual as imagens desempenham um papel fundamental. Não obstante, pessoas ainda são geograficamente localizadas, e atividades “subversivas”, como a postagem de uma piada descrita anteriormente, podem ter consequências radicalmente diferentes, a depender de como e onde os autores estão de fato baseados. O ano de 2018 foi agitado por revelações sobre as maneiras como os dados do Facebook poderiam, e, de fato, eram vendidos, com manipulação das plataformas e utilizadas para influenciar não apenas indivíduos, mas o resultado das eleições (Cambridge Analytica, etc.). Seguindo adiante, não é claro se a internet continuará a funcionar da forma como funcionava na primeira parte do século XXI, ou tornar-se-á monetizada, securitizada e limitada à semelhança do mundo que representa.

Na mídia anglófona, no foco de muitas novas histórias que dizem respeito à Cambridge Analytica, e além dela, estava os Estados Unidos, que tem simultaneamente os recursos econômicos para explorar o que estava acontecendo, e uma imprensa independente bem formada e com recursos, determinada a desvendar ao menos uma

181 Auerbach e Colégio (2014).

182 Prensky (2001).

183 Ferguson (2006).

184 Piot (1999), Skuse e Cousins (2008).

185 Anderson (1990).

versão mais coerente da verdade. O que os EUA parecem estar ignorando era a vontade política para agir a respeito disso. Outro meme que circulou em 2018 logo antes da eleição nacional brasileira comentava ironicamente: “*Nunca imaginei que o futuro da democracia brasileira fosse depender do PT aprender a usar o WhatsApp*”. Independentemente de o Partido dos Trabalhadores aprender ou não a usar o WhatsApp, eles perderam as eleições, em parte em razão das mensagens circulando nas redes sociais, difíceis de serem checadas. O mesmo pode ser argumentado sobre o Brexit,¹⁸⁶ e também sobre como o Facebook agiu como instigador da limpeza étnica de Myanmar.¹⁸⁷ Quem faz a internet, e quem (ou, na era da inteligência artificial, o que) determina o que é visto, e por quem?

VERDADES OU MENTIRAS DO INSTA?

Como é possível compreender não apenas verdades parciais, mas também visões parciais? O termo “mentira do Insta” (*Insta lie*) provavelmente é familiar para qualquer leitor com menos de vinte e cinco anos, mas talvez menos para os de outras faixas etárias. Em um vídeo popular do YouTube intitulado “Você está vivendo uma mentira do Insta?”,¹⁸⁸ as pessoas são filmadas passando maquiagem antes de ir para cama para se fotografarem deitadas em seus travesseiros, carregando as bicicletas morro acima para, de lá, dizerem que se exercitaram, e postando fotos animadoras de relacionamentos que parecem problemáticos – tudo para satisfazer a necessidade de curtidas nas redes sociais. A maior parte dos usuários do Instagram tem bastante consciência a respeito da realidade que ele reflete, mas isso não muda seu desejo de narrar uma verdade pessoal que, de algum modo, é aspiracional. O que acontece quando isso se dá também em nível nacional?

Verdades visuais são veementemente contestadas, e geralmente há diversas perspectivas diferentes. Movimentos como o #TheAfricaTheyDon'tShowYou ou #SomeoneTellCNN são exemplos do poder que as mídias sociais têm para mudar narrativas globais de formas importantes e, nesses casos, as pessoas da África estão respondendo às lentes do norte global. A maioria das pessoas escolhe compartilhar beleza muito mais do que retratar o que é feio, sabendo muito bem que as imagens têm o poder de fabricar mundos, de trazê-los à existência, mas imaginações visuais são moldadas pelas mesmas forças geopolíticas que subsidiam outros domínios da vida cotidiana. Cada vez mais estudiosos têm tentado compreender não apenas

186 Cadwalladr (2019).

187 Veja os comentários de John Oliver: <http://www.youtube.com/watch?v=OjPYmEZxACM>.

188 “Are you living an Insta lie?”. Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=0EFHbruKEmw>. Acesso em: 15 fev. 2021.

o que é dito ou escrito, mas também aquilo que é mostrado e exibido. Tudo isso torna-se muito mais complexo quando levamos em consideração os vieses raciais e sociais dos algoritmos,¹⁸⁹ e as formas nas quais a própria conectividade é com frequência desigual e imprevisível.

A internet modificou a maneira como muitas pessoas vivem, e os métodos e ética das pesquisas indiscutivelmente estão apenas começando a se inteirar disso. Não conseguimos separar nossas personas online ou corporificadas nos processos de envolvimento com os outros, pois isso nos coloca sob o risco de duplicidade em um espaço já dúbio. Isso por si só não é nenhuma novidade: nossas personas offline também são cuidadosamente manejadas, e nós certamente não compartilhamos tudo com todo mundo – a história humana inclui milhões de exemplos de momentos em que um pedaço de informação é compartilhado com alguém, e então metamorfoseia-se em uma “verdade” diferente. Dada a emergência das notícias falsas e a crescente complexidade da confiança enquanto uma base para a comunicação humana, pesquisadores agora têm que lidar com a existência de uma “verdade” cada vez menos coerente à disposição, ao menos da forma como a verdade era compreendida no século XX, e têm que aceitar que seus próprios corpos serão interpretados por meio de filtros metafóricos e baseados em imagens de câmeras.

Finalmente, é importante lembrar que o conhecimento sempre é corporificado. Os olhos são apenas uma pequena parte da ferramenta que nossos corpos representam e, embora nós possamos sentirmo-nos crescentemente à vontade com uma versão de antropologia de gabinete do século XXI¹⁹⁰ – um efetivo consumo massificado de “mentiras do Insta” –, o olhar não nos ensinará sozinho como devemos sentir, ou se as pessoas estão nos encarando de volta ou não, ou a editar nossa perspectiva por meio da Wikipedia. Se o objetivo é a compaixão, sentir em conjunto a outros, tornar o mundo “seguro para a diferença humana” da forma como nossos ancestrais etnográficos sugeriram, ainda é necessário mergulharmo-nos nos mundos offline: cheirar, sentir gostos, tocar e escutar até, ou, talvez, especialmente, quando o tópico da conversa é quantas curtidas do Instagram um dado post conseguiu.

ÉTICA DE TRABALHO DE CAMPO: SETE PÓS-IMAGENS

Uma pós-imagem é aquela que permanece depois que se deixa de olhar a uma dada figura, foto ou espaço; essa seção é sobre algumas das pós-imagens que per-

189 Buolamwini e Gebre (2018).

190 “Antropologia de gabinete” é o termo usado para descrever interpretações do mundo feitas por acadêmicos baseadas em relatórios ou relatos de viagens escritos nos séculos XVIII e XIX.

maneceram em minha mente desde que eu concluí a pesquisa que levou a este livro. Durante meus últimos anos na escola primária, a Comissão da Verdade e Reconciliação (*Truth and Reconciliation Commission – TRC*) iniciou seu trabalho na África do Sul. De 1996 a 1999, de quando eu tinha 11 anos até meus 13, os canais de notícias conduziam atualizações quase diárias do processo que abriu e tentou curar as feridas de um dos regimes políticos mais violentos da história. O assunto da Comissão da Verdade e Reconciliação (CVR) da África do Sul está além do escopo deste livro, embora valha notar que Angola ainda não tenha tido nada similar; sua relevância aqui tem mais relação com os processos de tradução e de ética. Recordo-me vividamente de assistir partes das audiências da CVR na televisão e de ler sobre elas depois nos jornais que tínhamos em casa. Lembro-me que eles transmitiam com tradução simultânea e, às vezes, as câmeras voltavam-se para as cabines de tradução, onde homens e mulheres que falavam todas as onze línguas oficiais da África do Sul canalizavam as narrativas que estavam sendo compartilhadas de forma que todo o país pudesse ouvi-las.

Por volta de vinte anos depois, solicitaram-me uma resenha de um filme para uma revista acadêmica. *A snake gives birth to a snake*¹⁹¹ é um documentário sobre esses tradutores, e eu não tenho problema em admitir que ele me fez chorar. Chorei tanto assistindo ao filme que me levou seis horas para que eu conseguisse terminá-lo, pois precisava pausá-lo de tempos em tempos. Chorei por conta de seu conteúdo, mas também porque o filme lembrou-me o medo que tinha de crescer enquanto uma sul-africana branca nos poucos anos após o fim do apartheid. Sempre me perguntei quem eu teria sido se eu tivesse nascido apenas quinze anos antes. Teria eu tido coragem para ser presa, exilada ou ser submetida à tortura, ou teria eu evitado correr riscos, fechado meus olhos e me preocupado com minha vida às custas de outros seres humanos? O filme faz três perguntas importantes, e que são muito importantes aqui. Primeiro, “nós precisamos perdoar o passado para sobreviver ao futuro?”. Segundo, “podemos sair incólumes?”. E terceiro, “o que você tem que fazer para mudar um rosto?”.¹⁹²

A terceira pergunta é a mais importante, pois diz respeito à narrativa que se compartilha com os outros. No filme, os tradutores reconhecem que suas escolhas de palavra podem determinar se alguém é visto como vilão ou como herói – uma pessoa digna de curiosidade, empatia, ou um monstro desumano. Eles perceberam isso ao mesmo tempo que processavam suas próprias emoções relativas a terem sido pessoalmente afetados tanto pelas audiências quanto pelo próprio apartheid. De certo modo, isso é ligeiramente semelhante ao processo da etnografia, em que

191 *A snake* (2014).

192 Cf. Auerbach (2019).

pesquisadores mergulham em um dado contexto social, e então refletem isso de volta sobre o texto para que outras pessoas leiam a respeito da experiência, como você está fazendo aqui. Por um longo tempo, a antropologia e outras disciplinas reconheceram a complexidade ética desse processo, e muito pouco trabalho é conduzido hoje em dia que não obedece a códigos e regulamentos cuidadosamente considerados, com a máxima bastante ampla, mas muito abrangente, de “não faça mal algum”. Ainda assim, a realidade é frequentemente muito mais complicada que isso.

Pouquíssimas etnografias requerem que o pesquisador lide explicitamente com os desafios e escolhas éticas que seu empreendimento exige. Antropólogos e outros comprometem-se ao “não faça mal algum”, e, ainda assim, quase todos os pesquisadores conseguem recordar momentos que os assombram – muito semelhante aos tradutores da CVR, que se descobriram assombrados por toda sua vida pelas narrativas que escutaram. Elas continuavam a viver como pós-imagens em nossas mentes e memórias. Há um medo tremendo de que se admitirmos que, afinal, fizemos, sim, algum mal, de alguma forma, a algumas pessoas, nosso trabalho possa ser restrito, nossa disciplina possa sentir-se envergonhada – talvez ninguém nos contrate, ou o governo não nos financie mais, ou talvez nossos amigos pensarão que somos seres humanos terríveis, ou nós vamos nos autoavaliar negativamente. De forma mais provável, não conseguiremos nossos vistos para retornar, ou, se estamos escrevendo “de casa”, nossos amigos e famílias podem sofrer as consequências por nossas palavras.

Mas, em minha experiência lecionando, comecei a acreditar que é importante falar sobre essas coisas. “Não fazer mal algum” é uma sugestão simplista demais – faz parecer que pesquisadores são, de alguma forma, criaturas angelicais acima da complexidade bagunçada da vida. Faz parecer possível não irmos a campo como os seres humanos comuns da vida cotidiana, que cometem erros, mas continuam tentando de toda forma; que trabalham para fazer o bem, mas frequentemente respondem ao medo; que não conseguem prever o futuro e, então, tomar a melhor decisão possível com informações limitadas sobre os fatos, mas percebem em retrospecto com frequência que nossas ações desencadearam reações que machucaram outras pessoas de maneira que não poderíamos ter imaginado, ou que, por vezes, ajudaram-nas para além de suas expectativas. Aqui, compartilho alguns dos momentos complexos que continuam a viver comigo.

Meu objetivo ao compartilhar sete deles é aprofundar o diálogo que orbita a ética em pesquisa, e mostrar um pouco do processo que caminha na direção de conhecer certas partes do mundo e escrever sobre elas para apontar que nós, pesquisadores, estamos nós mesmos profundamente implicados, e que, em muitos casos,

carregamos o impacto do nosso trabalho de campo pelo resto de nossas vidas.¹⁹³ Isso não é de forma alguma um problema, em meu ponto de vista. É apenas o jeito que as coisas são. *Seria* um problema se fôssemos, de alguma forma, tão distantes de tudo que nunca experimentássemos o espectro total da vida humana. O desafio é que nós recebamos crédito por fazer o que é dramático, ou pelos “atos de bondade” visíveis, ou mesmo apenas pela pesquisa científica sólida – esse livro reflete isso. Mas é muito, muito mais difícil escrever sobre as coisas que não foram muito bem, quando não estávamos certos se tínhamos tomado a decisão correta, quando, talvez, nos magoamos e, então, tivemos que passar anos em processo de cura. Não é, no entanto, porque é difícil que não valha a pena fazê-lo, ou que outros não possam aprender a partir de nossa experiência e conhecimento da realidade bagunçada e complicada do trabalho que desempenhamos. Aqui, a pedido de um de meus alunos que leram este trabalho, também gostaria de colocar um aviso de gatilho: o que se segue tem o potencial de perturbar a tranquilidade e de mexer com memórias e emoções. O trabalho de campo, no entanto, produz isso por si só, frequentemente em um ínfimo instante, e certamente sem um aviso prévio. Envolver-se com tais memórias e emoções no texto pode, talvez, ser uma prática útil para, no mínimo, fazer-se ciente dos próprios gatilhos – e, assim, ser capaz de manejar as reações quando elas vêm.

1. MERCÚRIO

Estava com alguns colegas, e saímos para um *tour* em uma escola muito exclusiva em uma das maiores cidades do país. As instalações eram impressionantes, e no momento em que éramos conduzidos por um laboratório de ciências, o professor, entusiasmado, exibiu um frasco de mercúrio. Ele gesticulava bastante explanando sobre pedagogia. O mercúrio foi derramado para fora do frasco sobre a carteira de um dos alunos (não havia, por sorte, alunos na sala naquele momento), infiltrou-se nas rachaduras e desapareceu. Ninguém disse nada, e o professor colocou, então, o frasco, agora vazio, de volta onde estava antes.

2. JANTAR

Mudei-me para meu próprio apartamento duas semanas após iniciar o trabalho de campo. Um dos vizinhos do andar de baixo também era estrangeiro em

193 Ver também Posel e Ross (2015).

Angola. Encontramo-nos algumas vezes nas escadas, ele era perfeitamente gentil, e eu ainda não tinha amigo algum da minha idade. Ele me perguntou se poderia ir até meu apartamento para jantar, e explicou que vivia com sua mãe – não fosse isso, ele me convidaria para jantar em seu apartamento. Disse que sim, não havia problema, que ele viesse às 18 horas. Ele chegou atrasado, por volta das 21 horas. Tinha desistido dele e comido há muito tempo, mas pensei “claro, entre, vamos tomar um pouco de chá”. Ele queria vinho, e tinha trazido consigo, então bebemos juntos. Quando a conversa derivou para o assunto do colonialismo, ele repentinamente tornou-se muito violento. Machuquei-me, embora não com gravidade a ponto de ir parar no hospital. Ele saiu furioso do meu apartamento. Eu o evitei nos corredores do prédio daquele momento em diante. Ele nunca se desculpou. Não bebi nenhuma bebida alcoólica por dois anos.

3. A FOTOGRAFIA DE UMA GAROTINHA

Essa experiência também foi narrada na Introdução...

Quando cheguei a Lobito pela primeira vez, usava muito o mototáxi como passageira, pagando um preço bem em conta. Conversei com Abrão, quem me ajudou a comprar minha própria moto, e me senti muito mais segura. Fui conhecer a família de Abrão em um dos subúrbios mais pobres de Lobito. Sete pessoas moravam em uma casa feita de blocos de concreto de dois cômodos e cheia de mosquitos. Tirei fotos de suas sobrinhas pois sua mãe me pediu. Bebi um pouco de suco e comi alguns biscoitos, e quando me preparei para sair, sua mãe me deu duas fronhas de travesseiro de cetim rosa e um lençol como presente de boas-vindas ao país. Ainda as tenho.

Imprimi as fotos e liguei para Abrão para dá-las a ele, mas ele havia perdido seu celular e nunca me respondeu. Por meses, elas ficaram ao lado da minha cama. Quando se aproximou o momento de eu deixar o país, fui até o lugar onde ele morava e perguntei por ele. Os vizinhos me ajudaram a encontrar sua casa no labirinto de caminhos estreitos. Trouxe comigo uma rede para mosquitos, alguns lençóis e as fotos. Eu os dei para sua mãe, e ela começou a chorar descontroladamente. Eu não entendia o que estava acontecendo. Abrão olhou para as fotografias e suspirou profundamente – a garotinha que usava um vestido laranja havia morrido, ele disse. Em choque, eu perguntei por quê. “As crianças apenas morrem às vezes”, ele respondeu encolhendo os ombros. Foi a primeira e a única fotografia que eles tiveram dela (Registro de Campo 140611).

4. AJUDANDO ESTRANHOS

De uma janela do meu apartamento, conseguia ver a estrada que unia uma parte de Lobito à outra. Um dia, decidi explorá-la. Em minha moto, fui até o ponto onde achei que ela começava, mas eu não conseguia ver um ponto de entrada óbvio. Perguntei a um pedestre onde era. Ele disse “é bem aqui”, e se ofereceu para me mostrar, pois ele estava indo para casa e teria que pegar a estrada de toda forma. Com frequência, eu dava carona para as pessoas na moto, então aceitei. Passamos pelo que parecia ser a entrada de uma fábrica de cimento. Parei e perguntei se ele tinha certeza sobre o caminho – ele estava bastante confiante a respeito, apontando para a esquina. Prossegui lentamente. De repente, nós fomos cercados por cinco homens que pareciam bravos. Eles gritaram conosco por estarmos invadindo uma propriedade privada. Eu estava verdadeiramente confusa, parei a moto e expliquei calmamente o mal-entendido. “Pergunte para o meu carona”, eu disse, “ele está só me mostrando o caminho”.

Um dos homens, que provou ser um dos seguranças do local, agarrou o homem que estava comigo e o puxou para fora da moto. “Você está tentando matar essa mulher!”, eles rugiram, “Você queria roubar a moto dela!”. Eles começaram a bater nele, e então eu gritei dizendo que era um grande mal-entendido. Um dos guardas encontrou uma barra de ferro que tinha um pouco de concreto e golpeou o homem nas costelas – achei que ouvi elas racharem. Gritei mais alto e um dos seguranças tentou pegar as chaves da minha moto. Naquele momento, um estrangeiro passou por nós, um homem branco. Ele parou para ver o que estava acontecendo. Era um gerente do Texas que não falava português, mas enquanto eu implorava para que ele interviesse de qualquer forma, meu antigo carona se soltou e fugiu. Os guardas não o perseguiram. Nunca mais vi nenhum deles novamente (Registro de Campo 140118).

5. SENDO AJUDADA POR UM ESTRANHO

Durante o início de meu trabalho de campo, em 2012, estava no Brasil realizando entrevistas preliminares e treinando meu português. Fui a Belo Horizonte de avião para fazer algumas reuniões, e cheguei ao aeroporto para meu voo de volta ao Rio de Janeiro apenas para descobrir que ele havia sido reagendado para o dia seguinte. Não tinha muito dinheiro na época, então escolhi passar a noite no aeroporto, algo que já havia feito muitas vezes em diferentes partes do mundo. Escolhi um canto para ficar, falei com meus pais pelo Skype, escrevi algumas notas. Fui ao mesmo banheiro quatro vezes durante as várias horas que passei lá. Na quarta vez,

a zeladora e eu nos falamos. Ela me perguntou porque eu estava a tanto tempo no aeroporto. Expliquei minha situação e perguntei se ela conhecia lugares mais quentinhos do aeroporto para eu dormir, pois estava ficando tarde. Ela ficou em silêncio por um momento, e me disse: “filha, se minha filha estivesse em um país estranho, eu não iria querer que ela dormisse em um aeroporto. Vem pra minha casa – é humilde, mas nós temos uma cama para você”.

Parei por um instante e considerei a sugestão. Emerelda tinha cinquenta e poucos anos e listras acinzentadas em seu cabelo. Ela me disse que seu próximo turno era de manhã cedinho, então ela iria pegar o ônibus de volta às 5 horas da manhã, de toda forma. Eu disse ok, agradei e peguei minhas malas. Depois de uma hora em um ônibus escuro onde seus colegas celebraram a gorjeta de cinco euros deixada no banheiro por um homem sueco e a dividiram entre eles, chegamos a um bairro que, mesmo com minha significativa exposição global à desigualdade, me devastou por dentro. Uma criança foi mandada para comprar um ovo para mim para complementar o feijão e o arroz; nós comemos. Os vizinhos vieram, e logo estávamos todos rindo. Mostrei para eles as fotografias da África do Sul em meu laptop – ninguém jamais havia visto um Mac de verdade antes.

Emerelda me disse que ela estava economizando para comprar um computador para sua filha, e eu pensei em Seu Oniko em Angola, que estava fazendo o mesmo. Dormi profundamente àquela noite em uma beliche estreita, e acordei logo após o amanhecer para pegar o ônibus. Deixei o dinheiro que tinha embaixo do travesseiro com um bilhete que dizia “poupança do laptop”, porque sabia que Emerelda não o aceitaria se fosse de outra forma. Quando fui embarcar em meu voo, acenei para ela. Ela veio e me abraçou, dizendo: “vai com Deus, filha”. Emerelda não tinha celular, então nunca mais ouvi falar dela, embora ela tenha me dado seu endereço e eu tenha enviado um cartão-postal para agradecê-la (Registro de Campo 120829).

6. VIAGEM E PRIVILÉGIO

Enquanto eu terminava de escrever este livro, fiz um cálculo aproximado das minhas viagens interregionais feitas a trabalho (não incluindo as movimentações diárias) desde o fim da minha graduação, e cheguei a aproximadamente 580.957 quilômetros. O cálculo incluía voos de volta da África do Sul, dos EUA, do Brasil, de Angola e das Ilhas Maurício, bem como o movimento circular entre cada um desses espaços e visitas a outros países para workshops, conferências e, no caso de Cuba, turismo deliberado para entender a Guerra Fria. O ponto do exercício era mais metafórico do que ser precisa a respeito da geografia e dos quilômetros voados,

mas o total calculado é literalmente uma viagem da Terra para a Lua de ida e volta (isso quando a Lua está razoavelmente mais perto do nosso planeta). Isso é bastante carbono jogado na atmosfera em meu nome.

Valeu a pena? Como me esforço para receber uma educação que custou tanto à Terra? O que aprendi é suficientemente significativo? Como posso retribuir? A maior parte do dia, estou calma em relação a esses assuntos. Trabalhei muito e tive muita sorte – nenhum desses dois fatores fica de pé sozinho – e eu me beneficieei por estar em instituições de elite e privilegiadas que se somaram aos privilégios que eu já tinha. Apropriei-me dos recursos do planeta para muito além da minha cota durante esse tempo, com certeza, mas também abri um grande número de portas para outras pessoas, e, em meu trabalho como professora, tento continuar fazendo isso. A despeito disso, frequentemente penso sobre a difícil entrevista para conseguir a bolsa de estudos que abriu esses caminhos de muitas maneiras. Durante a entrevista, a juíza constitucional sul-africana Edwin Cameron perguntou-me o que a raça humana estaria fazendo atualmente que poderia ser visto com o mesmo horror moral com o qual enxergamos a escravidão nos dias de hoje. Sem hesitar, respondi “viagens de avião” por conta das mudanças climáticas. Uma década depois, e 580.957 quilômetros...?

7. MALÁRIA

Peguei malária no início do trabalho de campo e nunca me recuperei totalmente. Meu corpo ficou seco e fraco, e meus sonhos foram febris por meses por conta da doença. O Brasil foi ótimo – misturei-me mais facilmente lá e, o mais importante, a comida foi nutritiva para mim –, mas tive que batalhar em Angola, país notoriamente difícil para vegetarianos. Isso dito, fiquei feliz por ter contraído malária, pois isso me deu uma experiência sensorial em primeira mão sobre uma doença que afeta quase toda a população em diferentes momentos e informa a maneira como as pessoas se movimentam, socializam, relaxam e dormem à noite. Quando me lembro da época em que estive doente, as duas semanas em que estive verdadeiramente mal foram relativamente fáceis de lidar: repouso e medicação. A recuperação foi muito mais complicada. Como você coleta dados – quanto mais constrói um país – quando seu corpo se sente como se até o seu próprio sangue tivesse perdido a energia para correr por suas veias e, ao invés disso, rasteja lentamente por elas?

O que é possível tirar disso? Para mim, tudo e nada. Essas experiências agora se agruparam no tecido mais longo da minha vida, que foi ricamente preenchido majoritariamente com bondade e sustenta minha fé em geral de que as pessoas via de regra são boas, confiáveis e inclinadas a tratar uma estranha como uma filha. Muitas pessoas, entretanto, não são, e eu reconheço isso. Meu próprio julgamento foi, por vezes, certamente falho – por isso, aceito de bom grado as consequências –, mas é possível aprender a partir dessas experiências, e prefiro abordar o mundo com abertura e curiosidade do que com um medo padrão. Anos depois, minha memória ainda me leva de volta àquele jantar, sobreposto a outras camadas, infelizmente muito comuns de violência, e eu nunca mais dei uma carona de moto a qualquer homem desconhecido novamente. Entretanto, recebi muitas pessoas para jantar em meu apartamento – homens e mulheres, sozinhos ou em grupo – e ainda amo interagir com estranhos e aprender com eles.

Visto à distância, meu trabalho de campo não foi particularmente perigoso – foi algo que precisava fazer, e fiz tão bem quanto pude, aproximando-me dele com peculiaridades de minha personalidade e com minha ética baseada em minhas crenças idiossincráticas sobre o certo e o errado, que, ainda bem, coadunavam com a lei. Penso em Angola apenas com grande sentimento de gratidão e simpatia. Meus amigos me dizem que ainda tenho uma tolerância alta para o risco, mas estamos mais velhos agora, então todos estamos fazendo escolhas diferentes – inclusive eu. Quando minha mãe insinuou que meus anjos da guarda provavelmente estavam cansados, eu ri, mas em minha última viagem a Angola, sacudindo sem capacete na garupa de um mototáxi morro acima com um caminhão sobrecarregado à minha frente, comecei a pensar que ela talvez tivesse razão. Quando meu companheiro gentilmente perguntou se eu poderia considerar ficar em um hotel ao invés de dormir no chão da casa de algum amigo, repentinamente percebi que isso é uma opção agora – tanto financeira quanto psicologicamente. Esse é um privilégio que tive a sorte de alcançar.

O ponto é que a vida cresce em todos nós, e temos que fazer nosso melhor para fazer escolhas certas com as informações limitadas que temos à disposição, alinhados com onde estamos em nosso próprio desenvolvimento, ou em nosso próprio caminho. “Não faça mal algum” é um excelente ponto de partida, mas quando se trata de ética, é o começo, e não o destino final, que, como na vida, é quase sempre mais complicado do que parece à primeira vista, e ainda mais se está postado no Instagram.

Por que isso importa? (visão)***Qual África está emergindo?***

Por volta de 2013, houve um grande burburinho iniciado pela *The Economist* sobre “o emergir da África”, mas o que isso sequer significa? A África não é um país, e este livro não é sobre o continente. É sobre um único Estado-nação na África, Angola, cuja história tornou visível padrões que espelham muito do resto do mundo. Olhando um só lugar de maneira mais detida, torna-se possível interrogar-se sobre alegações mais amplas e testá-las para ver se funcionam. A realidade é muito mais nuançada do que as manchetes da mídia sobre ascensões e quedas, e as redes que ligam aqueles que prosperam e aqueles que se debatem para sobreviver frequentemente existem para muito além das fronteiras geopolíticas.

Ao invés de imaginar um continente emergindo do mar, ou uma linda (mas mítica) Wakanda, é útil olhar para as pessoas em um lugar real, e para os sistemas socialmente mediados que guiam suas ações. Prestar atenção ao que estão fazendo e, mais importante, ver quem eles estão ajudando (e quem os está ajudando) nos dá uma visão sobre como o comércio, a política, as doutrinas religiosas, a ajuda e muito mais se manifestam na realidade dos mundos humanos. Tal conhecimento está na moda atualmente sob o título de *big data*, que observa os padrões de comportamento das pessoas na internet e levanta questões muito interessantes sobre ética, individualidade e generalizabilidade que parecem fazer o estudo do micro, como as coisas de fato se desenrolam no nível das pessoas comuns, ainda mais importante. É importante lembrar que quando se trata de um continente de, em 2018, algo em torno de 1,256 bilhão de pessoas em cinquenta e quatro países diferentes, precisão é algo muito importante, e estereótipos simplesmente não serão suficientes.

